

nº6



CINECLUBE BRASIL

Maria do Rosário Caetano

A Rô, filha do cinema

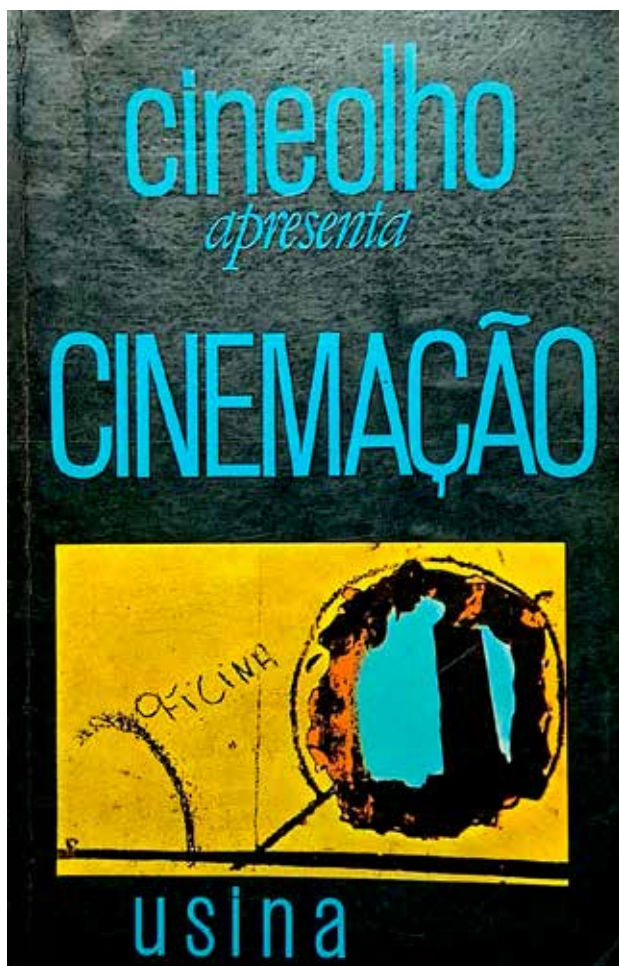
Cineclubes

A difusão em debate

Cangaço

**Um espelho
do Brasil**



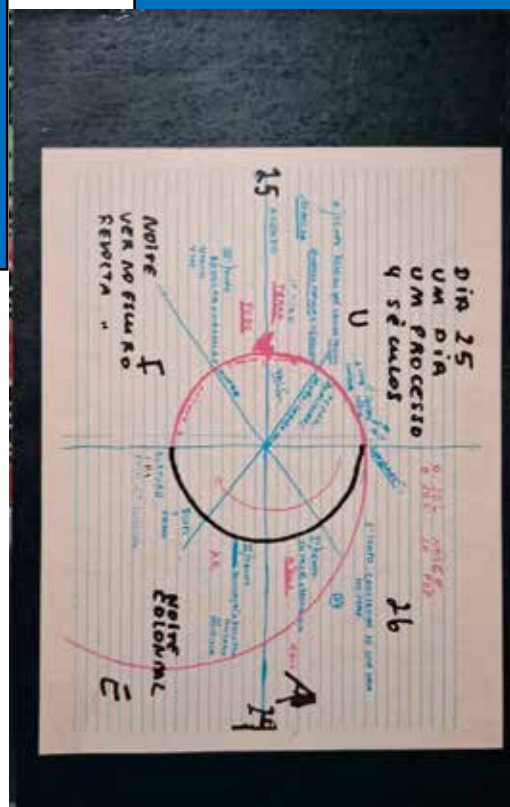


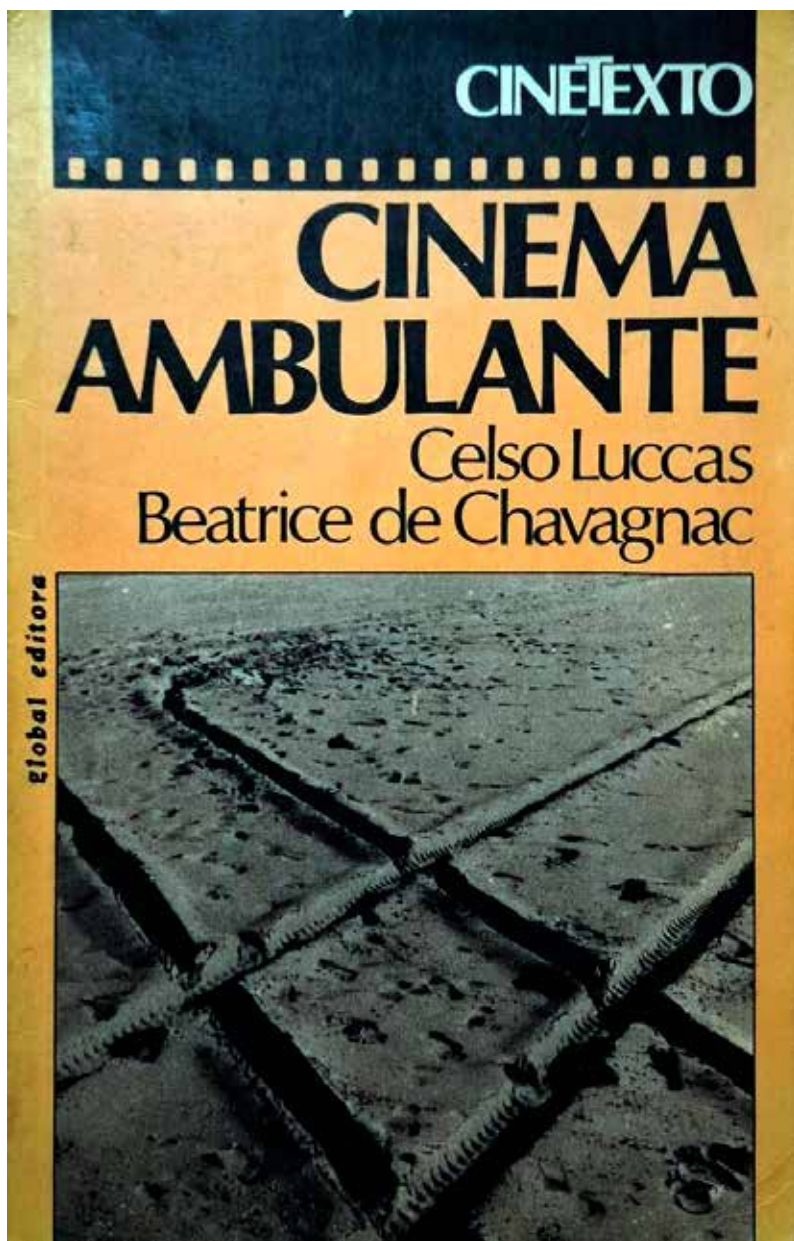
*As polaridades do filme em telas
das mais recondidas, que um país
pode oferecer aos seus filmes*

**TUA IMAGEM
TUA IDENTIDADE
FEITA PELO OUTRO
ESTERIÓTIPO**

**TODO FILME TRAZ CONSIGO A
MEMÓRIA DO SEU TEMPO**

REGISTRO DO SEU POVO





PARA VOCÊS, O CINEMA É UM ESPETÁCULO.

PARA MIM, É QUASE UMA CONCEPÇÃO DO MUNDO.

O CINEMA É O VEÍCULO DO MOVIMENTO.

(...)

Maiakovski, 1922

**CINECLUBE,
TELA PRIVILEGIADA
DO FILME BRASILEIRO**



EXPEDIENTE

CINECLUBE BRASIL
uma publicação em parceria com o
Centro Cineclubista de São Paulo

número 6

Editor

Diogo Gomes dos Santos
diogo_gomescn@yahoo.com.br

Jornalista Responsável

Oswaldo Faustino
ofaustino5@uol.com.br

Secretário de Redação

Cacá Mendes

Colaboradores

André Sandino / Ari Cândido / Caca Mendes / Diogo Gomes dos Santos /
Frederico Cardoso / Josinaldo Medeiros / Oswaldo Faustino

Revisão

Ana Faustino

Direção de Arte, Projeto Gráfico & Editoração

Joseane Alfer

Foto Capa

Diogo Gomes dos Santos

Departamento Comercial – Anúncios/Assinaturas

Eduardo Paes Barbosa - j_eduardopaes@ig.com.br
Tel. 11. 7271.7051

Conselho Editorial

Antônio Gouveia Júnior (In memoriam)
Luiz Orlando da Silva (In memoriam)

André Sturm - Antônio Leão
Denizalde J.

R. Perreira - Eufraudísio Modesto

- Jorge Eduardo Paes Aguiar

- Luiz Antônio Araújo (Lu Cachoeira)

- Maria Candelária Moraes - Máximo Barro

- Risomar Fasanaro

Apoio Cultural



Contatos

cineclubebrazil@gmail.com
www.revistacineclubebrazil.com.br
Tel. 11. 3735.0131 (Eduardo Paes)

Os textos assinados são de inteira e exclusiva responsabilidade de seus respectivos autores e as opiniões neles expressas não representam necessariamente a opinião da revista. Autoriza-se a reprodução dos conteúdos, desde que seja citada a fonte. As fotos são autorais, inclusive aquelas pertencentes ao arquivo da revista. As demais fotos e imagens são de divulgação e provêm de bancos de imagens, disponíveis na internet.

Tiragem: 5 mil exemplares

SUMÁRIO

Editorial e Cartas.....	05
Cineclube Beco do Rato, 8 anos!.....	06
Anonimato-me.....	14
Os cineclubes e a difusão de filmes	16
Qual é a cor do cinema brasileiro?	19
Cinema e cangaço	22
Filmografia do cangaço	23
Maria do Rosário Caetano.....	24
Aonde foi parar a criatividade?	39

**Espaço de excelência
para se projetar**

ANUNCIE AQUI!

Fale conosco,
temos várias formas interessantes
de dar visibilidade
a você,
a sua marca e o seu produto.

publicidade@cineclubebrazil.com.br

Visite o nosso site
www.cineclubebrazil.com.br

Cara Revista CineclubeBrasil

Primeiro quero parabenizá-los pela revista, temos pouco material impresso sobre o tema. Segundo, adorei a entrevista com a Eliana Caffé. Todos sabemos que a sétima arte tem sido um universo masculino. As equipes técnicas são normalmente com homens, principalmente na direção. É muito bom saber que as mulheres estão entrando de cabeça nesta arte e, melhor, fazendo bonito. Adoro o trabalho da Eliana, sobretudo o filme *Narradores de Javé*: acho o roteiro e a idéia de mostrar um pouco do Brasil fora do eixo São Paulo/Rio de Janeiro muito importantes e esta diretora o fez de forma brilhante. Gostaria que os próximos números dedicassem mais espaço para nós mulheres que estamos trabalhando muito para abrilhantar a filmografia brasileira. Sei que temos outras cineastas importantes no Brasil, inclusive com vários prêmios pelos seus trabalhos. Seria bom conhecê-las por meio de suas próprias palavras.

Anna Carolina da Silva

Estudante de cinema
São Carlos/SP

Revista CineclubeBrasil

Fiquei impressionado com o troféu Luiz Orlando da Silva e mais impactado por saber que é uma iniciativa do Movimento Cineclubista, criado em 2008. Vi um box na revista 4 e gostaria de saber como ter acesso a ele. Tenho um cineclube em minha cidade e estamos pensando em fazer um festival de curtas-metragens, da produção local. Acho que seria muito legal oferecer aos vencedores este tipo de prêmio. Também gostaria de saber um pouco mais deste cineclubista histórico tão importante. Afinal não é sempre que um cineclubista vira troféu, na verdade não conheço outro.

Obrigado

José Ricardo Melo de Assis

Jornalista
Jundiaí/SP

CineclubeBrasil

Estou pesquisando a história do Cineclube Bixiga de São Paulo, e, infelizmente, não há muita coisa impressa, na verdade tenho mais depoimentos orais do que textos. Porém, ouvi falar muito de Antônio Gouveia Jr., que, segundo muitas pessoas, foi o responsável por colocar a idéia deste cineclube na prática. Também soube que ele redigiu uma lei a respeito de cineclubes que ainda está em vigor, já que não foi revogada. Gostei muito da matéria que fizeram sobre ele, mas gostaria de sugerir que completassem a informação contando a história do Cineclube Bixiga. Afinal, ele foi um marco dentro do Movimento Cineclubista.

Pedro Oliveira Castanho

Diretor de Arte
Rezende/RJ

No fim do século passado, o senhor Jack Valenti, presidente da Motion Pictures International, a todopoderosa multinacional do cinema, bradava que seu objetivo era ocupar, com seus filmes, 100% do mercado mundial, que naquele momento beirava os 95%. No mês de novembro de 2012, com o lançamento do filme *Amanhecer - Parte 2*, ele ocupava sozinho 1.100 das pouco mais de 2.200 salas de exibição do país, quase 50% do mercado, o que levou o crítico de cinema Celso Sabadin a denunciar: "Isso já é invasão militar".

Na primeira quinzena de dezembro, Maria do Rosário Caetano, crítica de cinema e nossa entrevistada, postou em seu blog "Almanarkito" um importante texto intitulado: Monocultural!, segundo o qual apenas três filmes norte-americanos estavam ocupando 95% do mercado brasileiro: *Shrek*, *Eclipse* e *Toy Story*. O primeiro com 49%, o segundo com 32% e o terceiro com quase 14% do espaço. E os nossos?

Essa conversa de que a livre concorrência controla o mercado é história da carochinha e funciona com muita vantagem para os mesmos dominadores de sempre. Dizíamos antes e repetimos agora: esse tipo de ação fere a soberania nacional. Ou se criam mecanismos de controle eficaz ou corremos o sério risco de Jack Valenti ressuscitar em um desses filmes de vampiros que atacam em pleno sol do meio-dia.

O mais terrível é que o público que assiste a filmes em atividades de formação, como escolas, cineclubes, pontos de cultura, centros e institutos culturais, sindicatos, entre outros, nem sequer agregam valor cultural ou econômico aos filmes brasileiros. Repassamos a questão para a Agência Nacional de Cinema – ANCINE. Para nós, isso é a mais completa ignorância!!!

Registre-se: a questão não é ser contra a exibição de filmes norte-americanos, e sim "de fazer valer nossos direitos de ter acesso à filmografia de outros países e, principalmente, do nosso".

Um dos pilares da democracia em qualquer nação é o estabelecimento de uma política pública de cultura, que incentive a pluralidade de suas manifestações. Com elas, a produção local encontra mecanismos que garantem sua difusão, em detrimento da tendência monopolista do sistema de criar obstáculos para que as particularidades não sobrevivam, ignorando as necessidades do indivíduo, como valor cultural universal.

Além da entrevista com a jornalista, escritora e amante declarada do cinema brasileiro Maria do Rosário Caetano, CineclubeBrasil comemora com o cineclube Beco do Rato seus oito anos de existência; brinda os colecionadores com o encarte sobre filmes de cangaço; traz um instigante artigo sobre o "complexo de Deus" presente no ofício tanto do cirurgião cardíaco quanto do roteirista; e muito mais. Boa leitura!

Diogo Gomes dos Santos

Editor



Cineclube Beco do Rato, oito anos!

André Sandino, Frederico Cardoso e Josinaldo Medeiros

"Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida
Da minha infância querida
Que os anos não trazem, mais!"

(*Meus Oito Anos*, de Casemiro de Abreu)



Foto: Arquivo Cineclube Beco do Rato

Como toda boa história, a do Beco do Rato começa bem antes de seu nascimento, junto com as oficinas do Cinemaneiro, em 2002, e, embora naquela época o Beco não estivesse nos planos, os processos disparados a partir daquela primeira oficina nos levou ao que chamaremos de pré-Beco ou Cineclube Alma.

Em fevereiro de 2005, a iniciativa voluntária de três participantes do núcleo de produção Cinemaneiro – Josinaldo Medeiros, do Complexo da Maré, Manaira Carneiro, da Comunidade Agrícola de Higienópolis, e Leandro Bitencourt, de Cidade de Deus, mais o orientador e facilitador Frederico

Cardoso –, em parceria com o Espaço Alma, deu origem ao Cineclube Alma. Algumas semanas depois, ingressa no grupo André Sandino, oriundo das oficinas realizadas em Cidade de Deus, no fim do ano anterior.

Todos estávamos muito empolgados. O cineclube estava situado em uma das áreas mais nobres do centro histórico do Rio de Janeiro, a Cinelândia, e tinha o privilégio de ter, nas proximidades, prédios de referência cultural e histórica como o Museu de Belas Artes, o Museu de Arte Moderna, a Biblioteca Nacional, o Teatro Municipal e o cinema Odeon. Sem contar que o espaço cedido era ótimo, com

ar condicionado, cadeiras e todo o equipamento de projeção. Estava tudo perfeito para fazermos a exibição, mas faltava algo: o público.

Vamos ao público!

A divulgação era feita via web, filipeta, boca a boca, telefone. E nada do povo aparecer. Nos primeiros meses (era um cineclubes mensal), achamos normal a ausência de público e continuamos insistindo, sem obter sucesso. O espaço era acessível, o ambiente era ótimo, e por que o público não comparecia? Seriam os longas-metragens? Mudamos para curtas nacionais, fizemos algumas estreias e, finalmente, o público apareceu. Porém, da mesma forma desapareceu sem deixar pistas.

Foto: Arquivo Cineclubes Beco do Rato



Seguimos assim e, depois de muitas conversas e ideias mirabolantes, percebemos que talvez fosse melhor deixar de lado o conforto da sala climatizada e desbravar a rua. Já que o público não vem, nós vamos até ele, decidimos. E fomos nos aventurar em uma “ruazinha” na Lapa chamada Moraes e Vale. Fomos ao encontro do nosso público.

A rua era habitada por travestis, bêbados, traficantes, cineclubistas, cineastas (nossa casa ficava ali, no número 8. Era a sede do Cinemaneiro e depois também da Cidadela), pessoas humildes e, claro, os ratos, muitos ratos.

Alguns eventos já tinham tornado a rua conhecida anteriormente. No entanto, a história havia se perdido em meio ao caos e ao descaso do poder público, que deveria investir na requalificação urbana e não o fez. Era inaceitável ver agonizando a rua que abrigou Madame Satã e Manoel Bandeira – rua que era parte do Setor 1 do Corredor Cultural, projeto lançado, há mais de uma década, pela prefeitura do Rio de Janeiro.



Foto: Arquivo Cineclubes Beco do Rato

Cinema e chorinho

Em outubro de 2005, iniciamos os trabalhos. Nossos dois principais objetivos eram: abrir espaço para todos os realizadores de curta-metragem e documentários de qualquer tamanho, interessados em exibir suas obras a céu aberto, num clima agradável, acompanhado da boa música brasileira, o chorinho; e voltar os olhos para a revitalização da rua que hoje se encontra reduzida a um único quarteirão, tendo seu restante descaracterizado, em estado de abandono, há mais de 50 anos, com seu patrimônio histórico-cultural sendo depredado a cada dia.

Os contatos foram feitos. O depósito de bebidas 3M cederia as cadeiras e o equipamento de som, a Projecine (empresa de projeção cinematográfica), também instalada naquela rua, cederia a tela, a TV Comunitária da Maré chegaria junto com o projetor e o grupo musical Receita de Choro nos brindaria com sua bela harmonia e alegria de tocar.



Foto: Arquivo Cineclubes Beco do Rato

Solicitamos filmes aos realizadores. O fato de o Beco do Rato não praticar o que chamamos de “curadoria predatória” (todos os curtas e documentários que nos chegam exibimos) nos aproximava dos realizadores e produtores do Rio e de outros estados. Como não possuíamos verba nem para pagar a remessa, todos eram muito generosos ao nos enviar seus filmes pelo Correio ou levá-los na hora da exibição.

No início, nossa divulgação era via e-mail, o que foi suficiente para gradativamente reacender o espírito boêmio adormecido daquele lugar. Tínhamos boa música, pessoas interessadas e interessantes, ótimos e surpreendentes filmes e como teto as estrelas. Junte-se a tudo isso o fato de sermos o primeiro cineclube da Lapa, bairro atraente por natureza, e de levarmos ao conhecimento do público a história de mais um dos vários quarteirões abandonados pela cidade. Até mesmo o nome Beco do Rato foi um atrativo a mais, apesar de atacado pelos “politicamente corretos” de plantão.

Foto: Arquivo Cineclube Beco do Rato



Assim nasceu uma marca

Em nossos primeiros três anos de existência, exibimos mais de 600 obras, com um público médio de 400 pessoas em sessões semanais (quantidade de gente que conseguíamos contar). Tornamos a rua conhecida, e o nome Beco do Rato está estampado nos corações, copos, corpos e nas mentes de milhares de pessoas. Há algum tempo ele está estampado também na fachada do que antes era um depósito de bebidas e agora se tornou um importante bar carioca. Apoiamos e fomos apoiados e talvez a mais visceral e importante parceria tenha sido com os poetas –

andavam falando poesias no fim de cada sessão de quinta, sempre na madrugada, quando deixávamos o microfone aberto.

Articulamos com o bar e pronto. Às quartas, Ratos Di Versus, grupo que se formou ali – juntado por Dudu Pererê e Daniel – e hoje faz falação de poesia pelo mundo.

Foto: Arquivo Cineclube Beco do Rato



Com a força adquirida de forma despretensiosa, o cineclube se tornou, ao lado do Cinemaneiro, o principal projeto permanente da Cidadela (nossa nave mãe), dando-nos visibilidade e ajudando na articulação de novos projetos.

O Cineclube, por princípio, não estabeleceu uma relação financeira com o bar. Sempre fomos independentes, e a nossa filosofia é a pluralidade, o livre acesso, a construção conjunta e colaborativa.



Ingenuidade não nos faltou, orgulho de todo o processo nos sobra, o bar passou a se chamar Beco do Rato e para nós tudo bem, afinal, é impossível desassociar uma coisa da outra – criamos raízes profundas.

Em 2008 criamos o festival Ratoeira, um evento de três dias na rua, que seguia a filosofia do cineclube: não praticava curadoria predatória e procurava abrigar a maior diversidade artística possível.

Foto: Arquivo Cineclube Beco do Rato



Poesia não nos faltou, cinema e música tampouco. Da ideia à realização foram apenas três meses, tudo feito na raça, no amor, como se diz por aqui.

Recebemos cerca de 120 filmes de diversos pontos do país, dos quais três foram escolhidos e premiados por um júri cineclubista. Na ocasião, a Associação (de Cineclubes do Rio de Janeiro ou do Estado – Ascine-RJ) do Rio estava num excelente momento, a Ascine-RJ possuía muitos filiados, e a possibilidade de realizar um circuito com os premiados era algo visto com bons olhos por todos.

Ao vencedor foram dados uma bela garrafa de cachaça, uma lata de filme 16mm quase vencida e um bom queijo, além do circuito de exibição com os outros escolhidos.

Foto: Arquivo Cineclube Beco do Rato



Foto: Arquivo Cineclube Beco do Rato



O Ratoeira marcou nossa primeira saída do beco, migramos para a outra ponta da rua, o Beco dos Carmelitas, e lá passamos um ano intenso divididos entre fazer filmes, ser cineclubista e ser cidadão cineclubista.

Nosso público mais fiel eram os travestis que faziam ponto na esquina com a Rua Augusto Severo – as noites de quinta nos rendiam bons papos e a descoberta por muitos do formato curta-metragem e o encantamento com um cinema que fala a sua língua e em alguns momentos reconstitui seu cotidiano.

Ali tentamos quebrar barreiras, sofremos críticas de antigos frequentadores e amigos que não se sentiam à vontade em frequentar aquele lugar, mas tudo faz parte de um processo, e naquele momento nosso lugar era no Beco dos Carmelitas.



Em 2009 voltamos para o Beco do Rato. Junto conosco vieram apoios e patrocínios, pudemos então desbravar outros pontos da cidade através de um projeto de itinerância.



Foto: Arquivo Cineclube Beco do Rato

Agora realizávamos sessões às quintas-feiras no beco e em outros dias da semana articulávamos com parceiros. Nessa toada, o primeiro lugar onde aportamos foi na Cidade de Deus, quadra do Coroadó – Escola de Samba Local e uma parceria construída através do contato com o cineasta Rodrigo Felha, que nos levou até a quadra e aos Arteiros (um importante grupo local).

Em 2010 entendemos que nossos pensamentos já não cabiam apenas no nosso beco de origem. Nossa intenção ainda era juntar gente, favorecer encontros e facilitar o acesso ao cinema e às demais

manifestações artísticas de forma livre e espontânea. Percebemos que ali isso já não seria mais possível, decidimos assumir de vez a faceta itinerante e nos colocamos a desbravar a cidade de peito aberto.

Na Cidade de Deus realizamos sessões quinzenais e da mesma forma se deu a entrada em Parque União, no complexo da Maré. Lá nosso contato era a Associação de Moradores, que nos indicou o CieP César Pernetá, local onde também realizamos



Foto: Arquivo Cineclube Beco do Rato



sessões quinzenais. A partir daí, percebemos que nossa filosofia deveria ser ampliada e era fundamental ser maleável, ser como água.

Paralelamente às ações em comunidade foi encampado por Frederico Cardoso o braço infantil do cineclube. Pai há pouco tempo, Fred cria o



Berço do Rato, cineclubinho que funcionava na praça do lado de fora do Teatro Ziembiski, na Tijuca, sempre nas manhãs de domingo, acompanhado pelo coletivo Milongas, que realizava atividades de contação de história e teatro infantil.

A partir dessa iniciativa, vieram as parcerias com o DEGASE-RJ – Departamento Geral de Ações Socioeducativas, órgão vinculado à Secretaria de Estado de Educação, que lida com menores em situação de conflito com a lei, com o Coletivo Lobo Guará da Ilha do Governador o aprofundamento das ações no Complexo da Maré, que culminou com a criação do programa Cinema & Rock, realizado na subida da Baixa do Sapateiro e outros, inclusive as novas edições das Oficinas Cinemaneiro, com outra roupagem e conceito reformulado. *(Box conceito oficina.)*

Na Baixa (ou Morro do Timbau – essa divisão é meio confusa mesmo), deparamos com uma grande quantidade e diversidade de bandas de rock, uma cultura forte no local, embora pouco articulada, mas que possui grupos com muitos anos de estrada e um público fiel dentro da própria

comunidade. Não criamos esse ambiente, ele já existia, mas nos sentimos orgulhosos em poder contribuir com a sua potencialização (o espaço que ocupamos mensalmente é um lugar de livre circulação para moradores de toda Maré, que, como sabem, é dividida por diferentes facções. (BOX explicar as diferentes facções).



O Cinema & Rock é realizado na rua como forma de intervenção urbana, ocupação cultural do espaço público, favorecendo a convivência artística e o encontro de diferentes expressões: cinema, fotografia, música, poesia, performances e tudo mais que aparecer no dia, na hora, cabe ali – em média, somos 115 pessoas, uma sexta por mês, em uma confraternização espontânea, feliz e amorosa envolta por arte e esperança.

É assim que o Beco do Rato termina o oitavo ano. Como começou, na rua, juntando gente de forma desorganizadamente organizada, igualzinho ao início, só que em um lugar diferente. Rodamos a cidade, mudamos de formato, assumimos que não temos um formato, mas fortalecemos nosso conceito e nossa filosofia de vida cineclubista. Ainda lotamos ruas, ainda articulamos alegria, pessoas e arte.





Foto: Arquivo Cineclube Beco do Rato

Resumindo tudo, esses foram os oito anos de **Cineclube Beco do Rato**. Entre 2005 e 2012 fizeram e fazem parte do processo e pensamento de organização do cineclube:

Frederico Cardoso, Josinaldo Medeiros, Manaira Carneiro, André Sandino, Cristiano Moraes, Christian Santos, Viviane Ayres, Fabiana Farias, Bruno Dourado, Raphael Freire, Vanessa Junqueira, Leonardo Oliveira, Dario Goularte, Kelly Santos, Alexandre Mizhai, Veridiana Cardoso, Thiago Sisto, Henrique Gomes, Jefferson Souza, Samuel Chuenque e milhares de pessoas que frequentaram, programaram, criticaram, estimularam nossas sessões ao longo desses oito anos. (É possível uma foto de cada um? A ideia é criar um BOX fotográfico ou uma soma de fotos em que todos aparecem, mas, por favor indentificadas.)



Foto: Arquivo Cineclube Beco do Rato



André Sandino, Frederico Cardoso e Josinaldo Medeiros

José Mario Peixoto Costa Pinto
Pesquisador Social - Juiz de Direito Social (Apos. TJ/BA)

Foto-Cine Clube da Bahia

Época de uma luta contra a ditadura com "uma ideia na cabeça e uma câmera na mão"



Desde que apareceu a fotografia e a fotografia em movimento, que se tornou muito importante documentar, inclusive nas ciências como na biologia, na arqueologia, nas escavações pelo planeta. Indubitavelmente a fotografia e o cinema passaram a fazer parte de áreas das nossas vidas.

Assim, foram surgindo pelo planeta as associações de fotografia e/ou de cinema, os Fotos Cines Clubes que mostravam, inclusive em praça pública, o que acontecia pelo mundo. Esses adeptos da fotografia e da cinematografia, fora os já famosos na arte foto-cinematográfica, profissionais, fizeram a arte como realismo histórico e cultural e muitos deles saídos de foto-cines e associações as mais diversas, com sede ou sem sede, reunindo-se em convívio agradável, pensando diuturnamente na realidade da vida que mostravam em notáveis salões de fotografias e nas salas de cinemas, a maioria das vezes com aplausos do público.

O Brasil não ficou atrás: desde a fase analógica surgiram foto-cines em todos os Estados e cidades maiores no interior do Brasil, tendo diminuído consideravelmente na fase digital.



SEMPRE UMA LEITURA NECESSÁRIA!!!



CINE A VAPOR PRODUÇÕES CINEMATográficas

ONDE, A SUA IMAGEM VALE MAIS QUE MIL PALAVRAS

Documentários, TCCs, Teses, Vídeos institucionais,
Vídeo Clips, Vídeo Book (atores, atrizes, mestres de cerimônia,
apresentadores, etc.)

Oficinas de Produção,
Edição e Finalização (Final CUT)

CONSULTE-NOS, TEMOS A MELHOR CONDIÇÃO PARA SUA
NECESSIDADE

Fone: (11) 9828-4984
(11) 9700-3120

cineavapor@yahoo.com.br



Anonimato-me (ao Jairo Ferreira)

Cacá Mendes

eu tinha morrido naqueles anos
enquanto todos pensavam e falavam coisas que liam
de mim depois eu continuei vivo viram isso
mas ninguém quis saber mais da minha fama de morto
então eu fui viver com os cachorros numa madrugada
que não fica em lugar nenhum do tempo em esquina alguma de
cidade qualquer que seja fui virei um relógio espatifado
entre o 1º. e o 2º. andar
lá onde eu morri diversas vezes de fome diante de uma geladeira vazia e quente
por falta de pagamento de luz e veja você eu sempre adorei o escuro

Jairo Ferreira (1945-2003), um dos mais importantes críticos e ensaístas de cinema de São Paulo, trabalhou em diversos veículos da cidade, como o *São Paulo Shimbun* e a *Folha de S.Paulo*, entre outros veículos de comunicação. Jairo também escreveu uma obra relevante para o cinema brasileiro, *Cinema de Invenção*, livro que fala do tipo de filme que ele defendia e fazia ao lado de outros cineastas paulistas, à margem do cinema oficial. Além de pensador da sétima arte, foi também realizador de filmes singulares dentro da cinematografia brasileira - a maioria dessas obras foi concebida em super-oito e nunca exibida comercialmente. Jairo foi o jornalista responsável do *Imagemovimento*, publicação do Conselho Nacional de Cineclubes, gestão Movimento/Ação – 1984/1986.

Filmografia

*O Guru e os Guris** (1972, 11')
Ecos Caóticos (1975, 14')
O Ataque das Araras (1975, 10')
Antes que Eu Me Esqueça (1977, 16')
O Vampiro da Cinemateca (1977, 64')
Horror Palace Hotel (1978, 41')
Nem Verdade nem Mentira (1979, 10')
O Insigne-ficante (1980, 60')
Metamorfose Ambulante - As Aventuras de Raul Seixas na Cidade de Toth (1993, 19').

*Neste ano o filme completa 40 anos de sua realização!

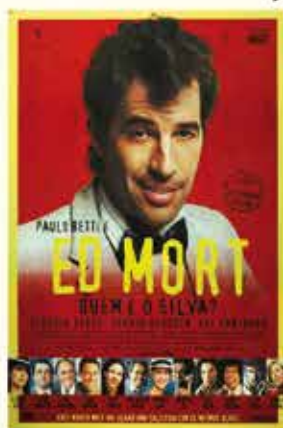
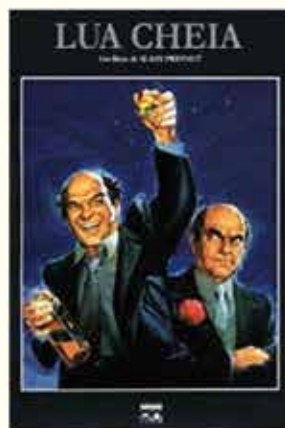


Cacá Mendes é poeta, escritor e cineclubista

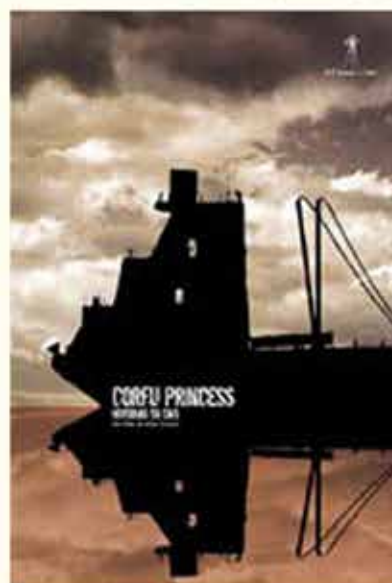


A.F. Cinema e vídeo

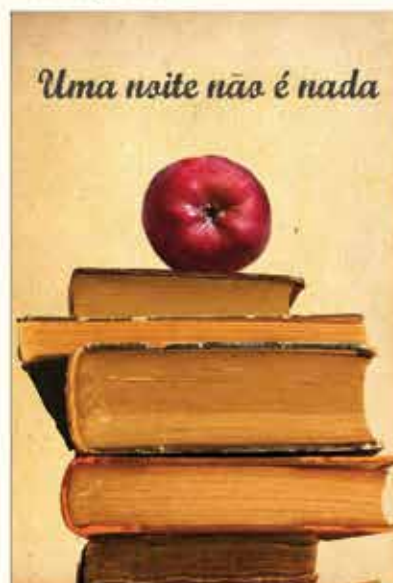
Há 20 anos contribuindo para um cinema crítico e popular.



Próximas Produções



Corfu Princess



Uma Noite Não é Nada

Proximos Documentários: EXPEDIÇÃO GUARANI e ARRIGO, O FILME

Os cineclubes e a difusão de filmes

Diogo Gomes dos Santos



Foto: Diogo Gomes dos Santos

A questão da distribuição de filmes para os cineclubes, depois da rearticulação, em 2003, vem se colocando como um desafio. Várias iniciativas foram empreendidas, debates têm acontecido, alguns programas já foram tentados e o assunto virou tema da 29ª Jornada Nacional de Cineclubes, a realizar-se em Salvador, na Ilha de Itaparica, no primeiro semestre de 2013, ainda sem data definida.

A difusão sempre foi uma questão estratégica para o Movimento Cineclubista: sem o filme, objeto essencial da atividade, é quase o mesmo que não ter cineclubes. Mas não basta ter o filme, é preciso

definir que filme se quer exhibir, daí a importância de os cineclubes manterem o controle do que distribuir. Distribuir seja o que for exige definir o que e para quem, requer estrutura física e financeira, para que o produto possa chegar ao destinatário em condições adequadas, para ser usado como foi pensado ao ser produzido.

Estamos falando exatamente de filmes, produto da indústria cultural, hoje transladados até pelas ondas magnéticas interplanetárias. Mesmo assim, a estrutura não só precisa existir da melhor forma possível, como deve ser controlada por quem detém os meios de distribuição.



Foto: Diogo Gomes dos Santos

O exemplo é a Programadora Brasil. Criada pelo Estado, definiu como cliente preferencial o cineclube; “sugeriu” a programação, tirando do cineclube um fator essencial, a programação, e impôs a obrigação da gratuidade, sem assumir o cineclube como programa ou gestão. Ela é controlada pelo Estado, cujos critérios de contratação de seu acervo são estabelecidos por um mecanismo de distribuição de filmes – como poderia ser de outra mercadoria – que tem o poder de controle sobre o conteúdo do produto que veicula.

Reconhecidos, acredito, pelo cinema brasileiro como um dos veículos de difusão, os cineclubes, tela de existência e perenidade do filme, são janelas privilegiadas a promover o diálogo deste com o seu público. Aqui se apresenta o divisor de águas – para não falar entrave - da distribuição cultural e cineclubista em comparação à distribuição privada ou estatal.

Na distribuição privada, o público agrega ao filme valor mercadológico e faz girar a máquina produtiva. Na estatal, cumpre ao Estado o dever

de prover a sociedade, possibilitando o acesso aos bens culturais – vide a Programadora Brasil. No passado, a Embrafilme cumpriu esse papel. Produziu e distribuiu, fazendo girar a economia do cinema, momento em que o cinema brasileiro foi gerido como uma questão de Estado, servido dele o regime ditatorial da época.

A figura ilustrativa é a Dinafilme – distribuidora de filmes para cineclubes –, criada pelo Movimento Cineclubista, por uma deliberação da plenária da



Antônio Leão, colecionador, escritor e cineclubista em uma sessão de 16mm no Centro Cultural Roberto Santos / SP

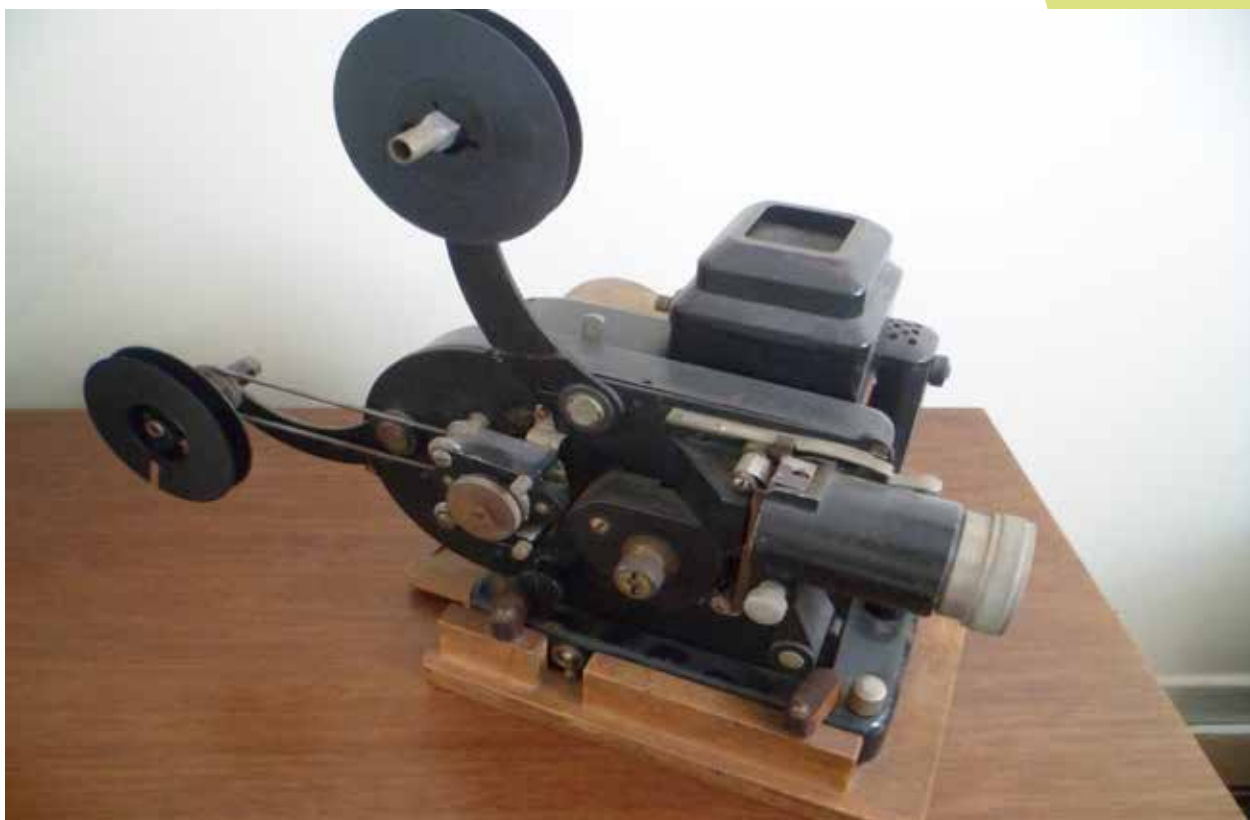


Foto: Diogo Gomes dos Santos

10º Jornada Nacional de Cineclubes, realizada em Juiz de Fora em 1976. A decisão foi tardia, porque antes, a direção do movimento fora contra a sua criação. Seu objetivo foi oferecer aos cineclubes filmes que não tinham espaço de exibição convencional. Os filmes distribuídos tinham critérios de seleção, eram alugados pelos cineclubes, que, por sua vez, cobravam uma “Taxa de Manutenção” e 50% do valor alugado eram repassados aos produtores. Os outros 50% que cabiam a ela eram para manter sua estrutura funcional. A Dinafilme tinha para quem distribuir e os cineclubes, um propósito com os filmes.

Ela foi um dos instrumentos mais avançados já criados pelo Movimento Cineclubista Brasileiro. Era administrada por um Conselho de Administração, suas decisões eram coletivas, foi o sustentáculo financeiro do movimento – ela financiava o CNC e as federações que matinhavam sua representação. Seu modelo foi motivo de discussão do “Cinema Brasileiro”. Veja o artigo “O Corpo da Obra”, de Jean-Claude Bernardet, *Revista Filme Cultura*, nº 41, editada pela Embrafilme, sita esta questão.

Hoje, as questões que se colocam para a criação de uma distribuidora são basicamente as mesmas: estrutura física financeira; e para quem distribuir. O que mudou foram os cineclubes.

Como estão organizados, para se afirmarem e/ou sobreviverem, necessitam realmente de uma distribuidora? O suporte de exibição privilegiado dos cineclubes é o DVD. Desde a rearticulação (2003) que se exibem filmes baixados diretamente da internet e hoje aluga-se e exibe-se filme direto pela TV, sem a necessidade da distribuidora/locadora. A questão do “difusor da mensagem” está colocada, no sentido de a liderança cineclubista apontar perspectivas para o papel que os cineclubes exercerão na sociedade atual. O desafio está posto!



Foto: Diogo Gomes dos Santos

Joseane Alfer, cineclubista, e uma cabine de projeção 35mm



Qual é a cor do cinema brasileiro?

Ari Candido Fernandes

(Extraído de conferência do autor no festival de cinema de Tromso, na Noruega)

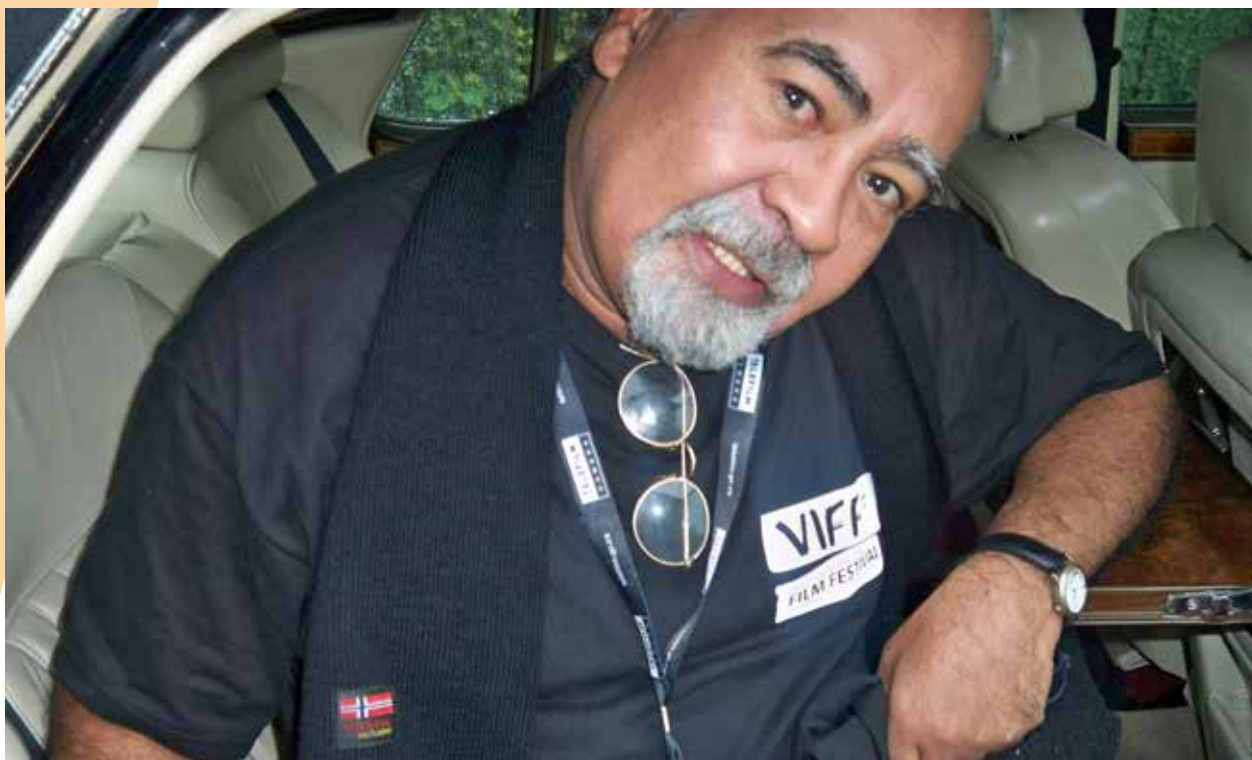


Foto: Arquivo Ari Cândido

Para proteger seus cinemas nacionais, diversos países utilizam o sistema de “cota de tela”, que determina a quantidade de filmes nacionais que devem ser exibidos por ano. No Brasil, a cota de tela foi mantida de 2007 a 2009, mas esse mecanismo foi estabelecido ainda em 1934. O mínimo estipulado, por exemplo, para um cinema de apenas uma sala é de dois títulos diferentes, lançados ao ano, que fiquem, pelo menos, 28 dias em cartaz.

Só para efeito de comparação, a Coreia do Sul, um país que vem se firmando como polo de produção audiovisual diversificada e de qualidade internacionalmente reconhecida, apresenta uma das maiores taxas de *market share* para filmes nacionais (cerca de 50%). E com a política de cota de tela, adotada a partir de 2006, esse país reserva 73 dias anuais para produções cinematográficas nacionais, sendo que anteriormente esta cota era de 146 dias anuais.

A produção cinematográfica brasileira retomou sua força há mais de uma década. Apesar disso, o cinema

brasileiro ainda não conquistou proporcionalmente um público tão significativo. Muitos filmes produzidos ainda não chegam às telas, apesar de as leis do audiovisual brasileiro serem hoje as maiores fontes de incentivo para os filmes nacionais.

Elas possibilitam que empresas financiem eventos culturais em troca de dedução de parte do imposto de renda e outras taxas. Raríssimos filmes, no entanto, dão lucro. Por isso o patrocinador empresarial, na realidade, investe mais pelo benefício fiscal.

Outra alternativa para a produção, permitida por lei, possibilita uma associação com empresas estrangeiras. Quando um filme de outro país é exibido no Brasil a distribuidora paga um imposto. Pela lei, a empresa pode reverter parte desse imposto para coproduzir outro filme, juntamente com uma produtora brasileira. Muitos filmes brasileiros foram viabilizados com a verba desse imposto. Aqui vale uma reflexão: quanto mais as empresas estrangeiras lucrarem no Brasil, mais dinheiro haverá para fazermos filmes. Correto? Mais ou menos, pois, afinal, elas produzem os principais

concorrentes dos próprios filmes brasileiros, que serão beneficiados pela renúncia fiscal.

No item exibição cinematográfica, o Brasil tem um déficit brutal: 95% dos municípios não têm salas de cinema. E, no entanto, em 2007, tivemos 82 filmes lançados. Com a tecnologia digital, o Brasil cresceu em sua produção de maneira vertiginosa. Graças a ela, os custos caíram significativamente, por exemplo, uma cópia de um filme em 35mm custa, em média, 2 mil dólares. Num futuro próximo, poderemos acessar uma quantidade enorme de filmes, em alta definição, com um simples toque no teclado do computador. Será que, então, os cinemas serão frequentados apenas por uma reduzida elite de apreciadores da sétima arte?



Foto: Arquivo

Grande Otelo, ícone do cinema brasileiro

Por isso, os festivais de cinema são essenciais para ver filmes que não são normalmente encontrados em salas de exibição puramente comerciais. O Brasil cresceu bastante em número de festivais e chega a levar 2 milhões de pessoas para assistirem a essas mostras.

Quem tem medo dessa cor? –

Para passar ao tópico principal desse artigo, vale lembrar uma obviedade: o Brasil é um país mestiço racialmente. No entanto, foi um dos últimos países no mundo colonial a abolir a escravidão (em 13 de maio de 1888). Não podemos esquecer que milhões de negros e mulatos escravizados foram triturados na lavoura da cana de açúcar e do café, na mineração do ouro e do diamante. Nesse caminho sem volta, esse povo e seus descendentes sempre estiveram com raiva, é certo, mas essa raiva mesclou-se à música, à alegria, ao riso de sua própria miséria. Muitos deles

suportaram a dor através de sua originária religião e que hoje é professada por milhões de brasileiros. Portanto eles são fundadores da identidade nacional e transformaram a língua, o paladar e o olfato nacionais.



Foto: Arquivo

João Acaiabe, ator de cinema e de televisão brasileira

Quando o país tornou-se rico e livre da escravidão, com a entrada massiva de mão de obra estrangeira, esses mesmos povos foram excluídos e ainda relegados a plano secundário na vida nacional. A começar de como foram vistos e retratados nas artes. Um dos poucos espaços que sobraram para que sobressaíssem foi o samba, oriundo da memória ancestral e recriado nas periferias e nos morros das cidades brasileiras. Mais tarde, ele originou a grande festa que é hoje o carnaval brasileiro, através das suas agremiações. O outro espaço que sobrou a esses brasileiros foi o futebol.



Foto: Arquivo

Bene Silva, ator e cineclubista ao lado de Giordano Bruno

O cinema mudo e silencioso, no Brasil, destinou aos homens e às mulheres de pele escura, por muitos anos, apenas papéis secundários. Estereotipado na tela, nos romances, nas poesias e nos palcos teatrais, com o que há de pior na sociedade brasileira, chegou-se mesmo ao extremo de as principais instituições médicas e de direito atribuírem determinadas doenças à raça, à pobreza e à

miscigenação. Devemos lembrar que estereótipos são valores, ideias, opiniões generalizadas sobre grupos sociais. E os mais comuns atribuídos aos negros, no ciclo cinematográfico da chanchada brasileira, o caracterizam como infantil, cômico, irracional e assexuado.

Foto: Arquivo



Ruth de Souza, primeira mulher negra a fazer sucesso no cinema

Assim, os personagens negros masculinos são: o malandro, o sambista, o cômico. E os femininos, a empregadinha voluptuosa e a intrometida. Só como comparação, no cinema americano do passado, os negros de lá eram representados como personagens bem definidos: uncle tom, um velho negro de bondade servil; o palhaço buffon-the coon; o mulato trágico, the tragic mulatto; o negro revoltado, the buck; e a conhecida mãe preta, the mammy.

Somente no fim dos anos 60 é que surgiram no cinema do Brasil intelectuais com simpatias democráticas que colocam essa arte para retratar a realidade tal como ela é, ou seja, sem maquiagem – é o Cinema Novo brasileiro – que se propõe a não ser apenas entretenimento, mas sim um elemento a contribuir com a reflexão e mesmo denunciar os enormes problemas sociais nacionais. Esse cinema ficou muito conhecido na Europa e no resto do mundo, mas não chegou às massas brasileiras. No entanto foi um alerta. Em 1964 é instalada no país uma ditadura militar que durou mais de 20 anos, como ocorreu em quase toda a América Latina.

Poucos brasileiros de um país em que 60% da população tem a pele escura e obviamente descendente de escravizados realizam cinema. Posso dizer que existe no Brasil não mais que 20 cineastas afro-brasileiros e menos ainda indígenas comprometidos com sua gente e seu passado e memória, a incursionarem por temáticas variadas e modernas. Daí a razão de minha preferência ao convite para o evento em Tromsø, abrindo mão

da participação na mostra cinematográfica afro-brasileira, no Festival de Cinema Pan-africano, em Burkina Faso, na África.

Visitei a África, local de que gosto muito, mas me preocupo em conhecer uma África um pouco diferente de festividades e distante de qualquer saudosismo *vis à vis* – um retorno à África do passado. Meu país é o Brasil e só vou a África se for para filmar. E para isso estou preparando um dos meus próximos roteiros.

O Festival de Tromsø

O artigo acima é uma parte da conferência proferida por Ari Candido durante o No Siesta, Fiesta, em Tromsø, uma comuna da Noruega, 8ª cidade daquele país, em número de habitantes. Segundo o autor, a Noruega e outros países abrigaram com sua política humanitária e internacional inúmeros latino-americanos, durante o período em que ditaduras dominaram o Brasil e outros países da América Latina. Daí surgiu essa festa latino-americana, em que há música, cinema e outras performances, para a qual ele foi convidado a representar o Brasil.

Segundo Ari Candido, sua participação, “além de ser uma honra, possibilitou retribuir um pouquinho do que ele próprio recebeu dos escandinavos”. Nos anos 70, Ari se autoexilou na Suécia, onde permaneceu até o início de 1975, trabalhando em várias atividades, como estivador no porto de Slussem, como operário em uma fábrica de pão, em uma creche infantil, em restaurantes, entre outros lugares. Por três meses ele trabalhou num “grande e exemplar hospital norueguês, como auxiliar de enfermagem”, como ele próprio afirma e conclui: “O principal é que pude continuar meu acalentado e determinado sonho de estudar e fazer cinema”.

Na Suécia Ari Candido aprendeu a fotografar, teve cursos de intermediário cultural, realizou pequenos filmes de solidariedade para com o Chile e países africanos de língua portuguesa. Terminou seus estudos em Paris e conta que foi “filmar num pequeno e valente país chamado Eritreia, onde fiquei por seis meses, em plena guerra de libertação nacional”. Retornou ao Brasil em 1979, com a promulgação da lei da anistia.



Ari Candido é cineasta

O cangaço no cinema

Pra dar vergonha o que não tem o que falar

Diogo Gomes dos Santos



Foto: Arquivo

Foto de divulgação do filme *A Morte Comanda o Cangaço*

O cangaço, como fenômeno social, aparece retratado na literatura brasileira, na segunda metade do século XIX, mais precisamente em 1870, através do romance regionalista *O Cabeleira*, de Franklin Távora, adaptado para o cinema em 1963, com direção de Milton Amaral e roteiro de Ody Fraga, com o mesmo título.

É dito em prosa corrente que José Gomes, um pernambucano nascido em 1751, em Glória do Goitá, teria sido o primeiro cangaceiro e ficou conhecido com o nome de Cabeleira, o terror daquela região. O cangaço ganhou expressão no século XIX com Antonio Silvino e no XX com Lampião e Corisco.

Porém, muito antes da década de 60 esse tema já ocupa as telas. Na verdade, desde a fase do cinema mudo, com *Filho sem Mãe*, de Tancredo Soares, lançado em 1925 e realizado dentro do chamado “Ciclo de Recife”. Nesse filme, o cangaço aparece como um tema secundário no enredo. Em 1930, Guilherme Gáudio, também no Recife, o traz para o primeiro plano, com *Lampião, a Fera do Nordeste*.

Se nessa obra o personagem Lampião é o protagonista, na liderança de seu bando, coube ao fotógrafo e mascate sírio-libanês Abrão Benjamim a proeza de filmar, em 1936, o próprio consagrado *Rei do Cangaço*, em plena caatinga, o pernambucano Virgulino Ferreira da Silva, ao lado de sua mulher, a baiana Maria Déia, mais conhecida pelo apelido “Maria Bonita”. Um documento único de valor inestimável.

Essa temática, porém, ganha fama mundial, em 1953, com *O Cangaceiro*, de Lima Barreto, prêmio de melhor filme de aventura e melhor trilha sonora no Festival Internacional de Cannes. Comprado pela Columbia Pictures, foi exibido em mais de 80 países. Só na França ficou cinco anos em cartaz. Ironicamente, esse que foi o último filme produzido pela paulista Companhia Vera Cruz se tornou campeão de bilheteria da Columbia e seu sucesso inspirou importantes cineastas, inclusive estrangeiros como Akira Kurosawa e Sérgio Leone, entre tantos.

Nos anos 60, além da filmagem da obra de Franklin Távora, já citada, esse tema, que geralmente retrata

a rebeldia de um justiceiro sertanejo contra o poder ilimitado dos coronéis, torna-se não só mote de uma série inesgotável de produções, cujo gênero é classificado como Aventura, mas também inspirou alguns documentários.

Desde então, já se escreveu um farto conteúdo a respeito, como o excelente texto “Cangaço – Da vontade de se sentir enquadrado”, de Lucila Ribeiro Bernardet e Francisco Ramalho Júnior, que serviu de referência e de ponto de partida para a obra da jornalista Maria do Rosário Caetano, que cunhou o termo “Nordestern”, que figura no título do seu livro: *Cangaço, o Nordeste no Cinema Brasileiro*.

O tema ganha relevância através da pena do historiador inglês Eric Hobsbawm, com sua tese “banditismo social”, e notoriedade nacional, por meio de vários estudiosos do cangaço, com destaque para a filha e a neta de Lampião e Maria Bonita, Expedita Ferreira da Silva, e a jornalista Vera Ferreira da Silva. É uma temática bastante popular, apesar de, em meio a tudo isso, haver quem não suporte filmes de cangaço. Os que gostam, porém, são criteriosos.

Foto: Arquivo



Bando do Cangaço

Quando vivos, cangaceiros como o também violeiro Volta Seca, autor da música *Mulher Rendeira* – fazendo coro com ele o Balão, cujo nome verdadeiro era Guilherme Alves –, fizeram algumas ressalvas a certas cenas do filme *O Cangaceiro*, por acharem que parecia filme de cowboys, com os personagens cavalcando pela caatinga, situação muito distante da realidade. Dada, viúva de Corisco, convidada de honra para a estréia de *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, ficou furiosa por Glauber Rocha ter trocado o sentido das palavras finais de seu companheiro: “Mais fortes são os poderes de Deus”, colocadas no filme como “... poderes do povo”.

Se ainda vivos, o que diriam de filmes alusivos ao cangaço na versão “pornô”, como *Lampião e Maria Bonita* e *O Cangaço É Aqui*. As informações técnicas dos filmes são precárias, a sinopse é hilariante:

(“10 supergatas mostrando onde fica o cangaço! Lembre-se: o sexo está na cabeça! A imaginação faz toda a diferença!”).



Foto: Arquivo

As mulheres também ingressaram no cangaço

O cangaço e seus personagens permanecem vivos no imaginário popular, numa simbiose às vezes inseparável da literatura de cordel, e continuam inspirando produções nos mais diversos meios de comunicação. Ganhou um memorial, em Mossoró, no Rio Grande do Norte, que é chamado também de “Memorial da Resistência”, devido à tentativa frustrada de Lampião invadir a cidade. “Foi criado em Serra Talhada (PE), Museu do Cangaço/Centro de Estudos e Pesquisa do Cangaço (CEPEC)... Uma investida ousada da Fundação Cabras de Lampião. Virgulino Ferreira da Silva continua dividindo a opinião de historiadores, escritores, jornalistas, cineastas, estudiosos. A televisão retratou o assunto em novela e minisséries, e há quem informe que Lampião já é a segunda personalidade mais biografada da América do Sul, perdendo, apenas, para Ernesto Che Guevara.

Reunimos oito cartazes de filmes que julgamos ser representativos do tema. Esse é o presente desta edição de *CineclubeBrasil* aos colecionadores de nossos postais.

Mais informações:

www.fundacaocabrasdelampiao.com.br
www.memorialdaresistencia Mossoroense.org
www.museudocangaco.com.br



Diogo Gomes dos Santos é cineclubista, cineasta e historiador



Rô, a filha do cinema!

Cacá Mendes, Oswaldo Faustino
e Diogo Gomes dos Santos



Foto: Diogo Gomes dos Santos

Maria do Rosário Caetano, jornalista e pesquisadora de cinema, nasceu na cidadezinha mineira de Coromandel, onde o pai era o dono do único cinema local. Por isso, frequenta salas de exibição desde os 2 anos de vida. Rô, como é conhecida entre cineclubistas, conversou horas sem fim com *CineclubeBrasil*. O delicioso bate-papo com essa mulher que afirma “80% do meu tempo eu vivo cinema, sou viciada em cinema, trabalho com cinema” mescla uma aula de cinematografia com incomparáveis histórias de vida.

CineclubeBrasil – Como era a vida da filha do exibidor em Coromandel?

Maria do Rosário - Até os 14 anos, eu ia ao cinema todos os dias, mesmo que o filme fosse censurado. Ia com minha mãe. Vi filmes como *O Descanso do Guerreiro*, com a Brigitte Bardot. Devia ter entre 5 e 6 anos. Eu me lembro da imagem da Brigitte Bardot até hoje.

CcBr – O que é o jornalismo em sua vida?

MR – Toda a minha carreira foi desenvolvida como jornalista. Comecei com o “genérico”, depois fui para a área cultural e muito, muito jornalismo cinematográfico. Cobri 37 ou 38 das 45 edições do Festival de Brasília; 25 das 37 edições da Jornada da Bahia; das 40 edições

de Gramado acho que cobri umas 30. Então, tenho uma longa trajetória como repórter e pesquisadora.

cinema do meu pai. Minha formação foi lá, com esses filmes. Assisti ainda a muito filme italiano e americano. As comédias italianas... sempre tive

Foto: Arquivo particular de Maria do Rosário Caetano



Com Nelson Pereira dos Santos, Rudi de Andrade, Fernando Birri, na Jornada de Cinema da Bahia

CcBr – E como escritora também...

MR – Lancei alguns livros: *Cinema Latino Americano*, para a Coleção Aplauso; *Alguma Solidão e Muitas Histórias*, perfil de João Batista de Andrade; *Uma Biografia Precoce*, de Fernando Meireiles, e *Do Sertão da Bahia ao Clã dos Matarazzo*, sobre Marlene França. Organizei *Cangaço*, *O Nordeste no Cinema Brasileiro*, *ABD 30 Anos - Mais que Uma Entidade*, *Um Estado de Espírito*, e *DocTV - Operação de Rede*.

CcBr – Que tipo de filme plantou em você essa paixão?

MR – Pra valer mesmo foi o cinema brasileiro. Vi muito filme do Mazzaroppi, a segunda fase da chanchada, a chanchada tardia, aquelas pós-1959, ano de *O Homem do Sputnik*. Pra mim, as dirigidas pelo Carlos Manga são as melhores. Me marcaram profundamente também *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*, de Roberto Santos; *Vidas Secas*, de Nelson Pereira dos Santos; *Deus e o Diabo na Terra do Sol* e *Terra em Transe*, ambos de Glauber Rocha. Esses filmes chegavam a Coromandel e eram exibidos no

um amor por esse tipo de cinema. Sempre gostei do Marcello Mastroianni, achava-o muito bonito, também vi muito filme com o Alain Delon. Mas na minha memória, na fase de domaço do meu gosto, o que me envolveu e me encantou mesmo foi o “Cinema Novo” e sua relação com a literatura. Eu gosto muito da literatura brasileira de Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado, Guimarães Rosa.



Com o escritor João Antonio / UnB, nos anos 70

Foto: Arquivo particular de Maria do Rosário Caetano

Foto: Diogo Gomes dos Santos



CcBr – E o cinema segue contigo para a academia.

MR – Meu primeiro trabalho na Universidade de Brasília (UnB), ainda caloura, com 17, 18 anos, foi uma monografia sobre a adaptação cinematográfica de obra literária. Pesquisei todos os filmes brasileiros baseados em obra literária, até aquele ano de 1973, levantei uns 150 filmes. Eu apresentei o trabalho para meus colegas com slides dos filmes, muitos deles eu nem conhecia. Nessa época eu decorei os livros *70 Anos do Cinema Brasileiro*, de Paulo Emilio Sales Gomes & Ademar Gonzaga, e *Introdução ao Cinema Brasileiro*, de Alex Vianny. De Jean-Claude Bernardet eu tinha *Brasil em Tempo de Cinema*, um livro muito influente. Eles eram professores na universidade, tínhamos com eles uma ligação muito forte.



Com Eduardo Coutinho, Joaquim Pedro, João Batista de Andrade, Marlene França e outros, vindos de Cuba

CcBr – Em tempos de globalização, quem no cinema brasileiro tem uma boa pegada?

MR – Eu acho que o maior cineasta brasileiro vivo é Eduardo Coutinho, que faz cinema social e poético.

As pessoas comentam que os últimos filmes dele são de pesquisa de linguagem, como *Jogo de Cena*, e que *Moscou* seria apenas formalista. Não acho. Só linguagem por linguagem. Acho que o centro do cinema do Coutinho é o homem, é o ser humano e o seu tempo, ele quer conhecer as pessoas. *Santo Forte* é magnífico. *Edifício Máster*, o maior sucesso comercial dele, é interessante. Ele criou a “dramaturgia do ouvir”. Ninguém sabe ouvir o outro melhor do que o Eduardo Coutinho. Gosto demais dos filmes dele. São histórias de vidas, você se apaixona pelos personagens. Chorei demais a primeira vez em que vi *Jogo de Cena*. E *Cabra Marcado para Morrer*, pra mim, é um dos dez melhores filmes brasileiros de todos os tempos.



Foto: Arquivo particular de Maria do Rosário Caetano

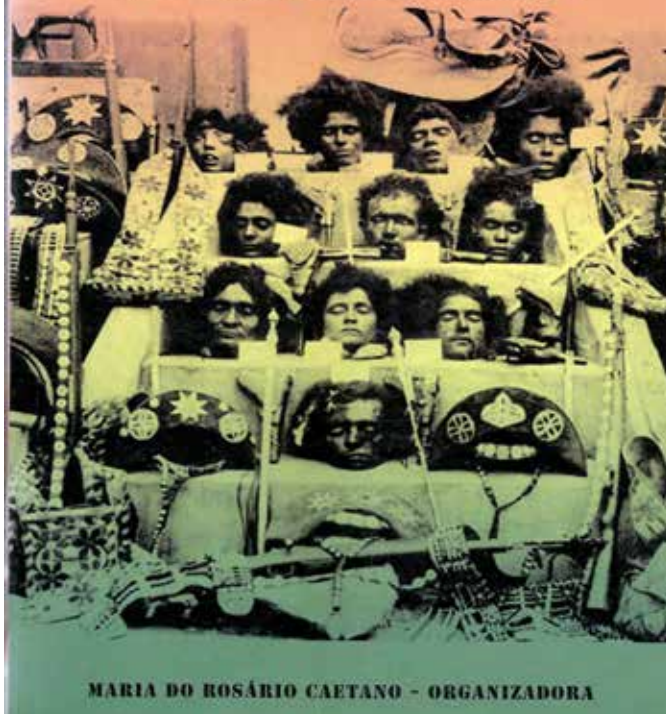
Maria do Rosário com o cartaz de 80 do Cinema Brasileiro

CcBr – Você organizou o livro *Cangaço, o Nordeste no Cinema Brasileiro*, o que você acha do *Faustão*, que ele dirigiu e o Leon Hirszman produziu?

MR – Acho o filme muito curioso, a cara do Coutinho, porque o que era aquela produtora (Saga Filmes) dele com Leon e Marcos Farias? Eles queriam criar filmes populares para dialogar com o público. Coutinho é um subversivo por natureza. *Faustão* é um filme cujo protagonista é um cangaceiro

CANGAÇO

O NORDESTERN NO CINEMA BRASILEIRO



Livro *Cangaço O Nordestern no Cinema Brasileiro*, organizado por Maria do Rosário - 2006 - Avathar Soluções Gráficas Ltda

negro. O filme é uma quebra total da mística do cangaço, do nordestern (filmes de aventura inspirados no western). Noventa e oito por cento dos cangaçeiros eram mestiços, morenos, raros eram brancos. Havia negro, mas muito pouco. O filme começa com esta desconstrução, a pessoa já fica com o pé atrás, ele reconstitui uma história de Shakespeare no mundo do cangaço, mas com uma pegada brechtiana. O filme é de um distanciamento crítico muito grande, ele não tem nada de nordestern, no sentido de filme de aventura. Ele é um filme para refletir sobre aquele mundo. O Coutinho e o saudoso Leon Hirszman acreditavam no distanciamento crítico brechtiano. Eles nunca jogaram o público num vendaval de emoções, para que ele saísse do cinema emocionado ou em lágrimas. Apesar de eu ter chorado em *Jogo de Cena*, o Coutinho está sempre nos distanciando e dizendo olha, você não sabe o que é verdade ou mentira neste filme, isso aqui é um jogo de cena. O tempo todo ele está mostrando o dispositivo do filme, dizendo isso aqui não é a realidade. É uma representação dela.

CcBr – Você acha que o Leon faz isto no filme *Eles Não Usam Black-Tie*?

MR – Talvez *Black-Tie* seja o filme dele que mais emociona. Mas como o Gianfrancesco Guarnieri também é muito ligado ao realismo crítico, creio que ali eles fizeram uma mescla. Buscaram reflexão e emoção. Naquele momento, o Leon estava tão emocionado existencialmente, tão envolvido com as greves do ABC. Mas temos de lembrar de seu grande filme final, *Imagens do Inconsciente*, um mergulho maravilhoso na loucura. Há duas coisas que o homem não entende: uma é o suicídio. O que leva uma pessoa a ser um suicida? Você busca um milhão de razões e nunca vai encontrar respostas precisas. A outra é a loucura. Em que universo, em que escala, onde está aquele ser humano? É curioso que um homem como o Leon Hirszman tenha dedicado seus últimos anos de vida a um filme como *Imagens do Inconsciente*.



Com o cineasta Murilo Salles

CcBr – E o que dizer desse momento específico do espectador de cinema?

MR – Nós estamos vivendo a maior revolução de todas, porque no cinema está-se formando um novo espectador, há um novo hábito, um novo jeito de ver. Hoje se vê filme nos mais diferentes suportes. Neste sentido eu sou uma pessoa do século XX. Eu tenho prazer de ver filme na tela grande do cinema. Vejo

Foto: Arquivo particular de Maria do Rosário Caetano



Foto: Diogo Gomes dos Santos



90% dos filmes em salas de cinemas. Eu vivo dentro do cinema. Costumo a ver de cinco a dez filmes por semana. Quando era jovem via até 20 por semana. Nos festivais de Havana, dos anos 80, eu via de cinco (ou seis) filmes por dia. Entrava ao meio-dia e saía à meia-noite. Hoje não tenho mais resistência física pra tudo isso. Se vejo três ou quatro, no final já estou muito cansada. Não sei o que virá. Adoraria que aqueles que passam pela universidade criassem um hábito: o de ser um espectador exigente e crítico. Um espectador interessado em fruir filmes em tela grande, com legenda e boa projeção.

CcBr – E dos cineastas recentes, o Fernando Meireles, por exemplo...

MR – Escrevi o perfil dele para a coleção Aplauso. O filme *Cidade de Deus* é muito controverso, é uma adaptação literária de que gosto muito. No seu lançamento causou muita polêmica, aquela história da “Cosmética da Fome”, levantada pela Ivana Bentes, que ele seria um cineasta que embelezaria a miséria e a pobreza, glamourizada com publicidade. Acho isto uma visão apressada da obra dele. Embora seja um publicitário muito bem-sucedido, sua formação se deu toda no vídeo alternativo dos anos 70 com a produtora Olhar Eletrônico.

Fez programas de televisão, entre eles o *Castelo Ratin-Bum*. Tem uma grande experiência em TV para crianças na TV Cultura e o vídeo alternativo, suas duas grandes escolas. O que ele fala: “Enquanto os cineastas brasileiros faziam um longa-metragem a cada três ou quatro anos, eu fazia praticamente dois por ano”. O tempo mostrou que ele fez um grande filme. Vamos pensar no que hoje projeta o cinema brasileiro no mundo: é o *Cidade de Deus*, o filme brasileiro mais conhecido no mundo hoje. Acho que há uma relação da infância como uma paixão. A humanidade ainda não tem causa, sem utopia, mas a criança... O Ismail Xavier fala muito sobre isso.



Foto: Diogo Gomes dos Santos



A criança parece ser o denominador comum, que ainda une uma humanidade sem causa. Vamos pensar nos grandes filmes sobre a infância. Podemos começar com *O Garoto*, de Charles Chaplin, mas vamos pegar obras mais recentes dos últimos 40 ou 50 anos, *Os Esquecidos*, de Luis Buñuel, ganhou a melhor direção em Cannes e marcou profundamente centenas de pessoas. Na América Latina há vários filmes com crianças, mas vamos dar um pulo e vamos pro Brasil; *Pixote*, de Hector Babenco. Há quem ache o filme um pouco acadêmico.

O pessoal do cinema novo tinha restrições ao filme, uma linguagem meio americana, mas é um filme apaixonante, até hoje Spike Lee é apaixonado pela obra, sempre pede uma cópia daquele cartaz em que o corpo nu de Fernando Ramos da Silva está iluminado por um farol. Convidado para ir à Jornada da Bahia, concordou, contanto que ganhasse um cartaz do filme. Acho que o filme de Meireles vem nesta longa trajetória da infância no cinema, é um

filme ousado, criativo, muito benfeito. A sequência das crianças pequenas em um curralzinho, tendo de matar, numa prova de fogo, aquilo é de um impacto terrível. O filme está vivo.

Acho que o Fernando está sem rumo. O sucesso internacional foi tão arrebatador que ele tem sido convidado pra fazer filmes fora do Brasil. *O Jardineiro Fiel*, que acho um bom filme, mas não me empolga. *O Ensaio Sobre Cegueira*, adaptado do livro de José Saramago, também é um bom filme, mas não me faz falta. Antes fez: *O Menino Maluquinho 2*; *Domésticas*; *Cidade de Deus*. Ele está fazendo o sexto filme *360*, com cinco ou seis episódios por seis países diversos, um episódio é em português e os outros são na língua de cada país. Ele não vai mais fazer filmes em inglês, como *O Jardineiro Fiel*, que era um romance inglês, com personagens ingleses, em que os africanos falavam inglês. O *Cegueira* é em inglês, e ninguém sabe o motivo. O livro é de um escritor português. Talvez por causa da produção internacional? Tudo bem, a





Foto: Diogo Gomes dos Santos



Foto: Diogo Gomes dos Santos

história não tem muita marca linguística. Eu acabei de ver a *Última Estação*, os derradeiros momentos de Leon Tolstoi, falado em inglês, não dá, sabe, um dos mestres da língua russa, o filme se passa inteiro na Rússia. A relação conflituosa com a mulher, o rapaz que era um super-secretário, outro jovem chega também, todos russos e falando em inglês. Tudo bem, o elenco é inglês, então dublê, são coisas que não me entram. Essa é uma das minhas idiossincrasias, se a história tem cor local, a língua tem de ser a língua local. Tem filme, por exemplo, que é de ficção científica, que pode se passar em qualquer lugar, num futuro, aí você até aceita, caso contrário eu não engulo.

O Fernando está com essa grande dívida, precisa voltar ao Brasil para fazer um grande filme brasileiro, de verdade. O que o projetou foi a língua portuguesa e essa desculpa que o filme nacional não viaja, mas o filme dele que mais viajou foi *Cidade de Deus*, falado em português, com atores desconhecidos, falado em “cariquês” do morro, um dialeto. Além de a história ser fantástica, é um dos grandes momentos do cinema brasileiro. Se você pensar no universo que ele revelou e construiu o filme. Não sou cega aos defeitos que a obra tem, porque tem, mas o filme é um processo fascinante. É um filme negro, os negros estão lá, com seu linguajar. Só

acho que falta um pouquinho de distanciamento crítico, ele joga a gente numa catarse, é um filme um pouco catártico.

CcBr – Estamos em São Paulo, onde o Brasil se encontra...

MR – A programação, a vida cultural de São Paulo é um paraíso, só perde para Paris e talvez Nova Iorque. Temos semana com oito ou dez filmes de artes. Temos os cineclubes, o CineSesc, as programações alternativas dos centros culturais (Banco do Brasil, Centro Cultural São Paulo, Banco Itaú, Caixa Federal), institutos como o Goethe, Cervantes, Icarabe, Casa de Portugal, Casa das Áfricas... Que riqueza!... Às vezes o Zanin Oricchio, meu companheiro, me fala: “Rosário você não tem mais idade, nem saúde pra querer ver tudo”. Mas eu tento aproveitar esta riqueza espantosa.

CcBr – As opções são diversas, mas sempre sob o comando das distribuidores e exibidores ianques

MR – O Luiz Gonzaga de Luca escreveu naquele livro *Cinema Digital: Um Novo Cinema?* que os maiores acionistas do Cinemark são os plantadores de milho de pipoca das regiões agrícolas dos EUA. Uma coisa que os americanos aprenderam



a fazer – e nesse sentido não podemos criticar, mas aprender com eles – foi distribuir o que eles produzem. Eles distribuem e exibem o cinema deles. Fiquei fascinada (e até bestificada) com a leitura do livro do Gonzaga. Juro que não imaginava que a hegemonia norte-americana no cinema fosse tão sólida, tão bem estruturada.

CcBr – Rosário, você que está nesse meio, que sabe das coisas... e essa história de que o *Aluga-se Moças*, do Deni Cavalcanti, deu mais que *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, do Bruno Barreto, e *Tropa de Elite 2*, do José Padilha?

MR – Olha, isto não é verdade, sabe porque? A pornochanchada que mais deu público foi *Coisas Eróticas*, de Rafaelli Rossi & Laente Calicchio, o primeiro sexo explícito brasileiro. Foram 4.525.401 ingressos vendidos. Fui ver a sessão, sou testemunha ocular. Na época, começo dos anos 80, conheci o Inimá Simões, que é um grande pesquisador e tem um livro sobre a pornochanchada (*O Imaginário da Boca*). Eu o conheci na Jornada da Bahia, ele me deu o livro, li e fiquei muito curiosa.

O *Coisas Eróticas* foi lançado na mesma época, em São Paulo e em Brasília.

Fui ver numa sessão vespertina do Cine Astor, do Conjunto Nacional Brasília, que já estava tomado pelas comédias apimentadas e entrava no filão explícito. Uma sala num shopping famoso. Estava na sessão o Pompeu de Souza, que era, na época, membro do Conselho Superior de Censura. Supondo que na sala coubessem 300 pessoas, havia umas 200, todos homens. Eu era a única mulher. Mulheres nunca foram presença significativa na plateia das pornochanchadas. Menos ainda na do sexo explícito. Fui constrangida, por interesse jornalístico. O filme, barra-pesada, tinha três episódios, dois eram mais ou menos, mas o terceiro era grosseiro, sexo explícito e apelativo. Claro que algumas mulheres deviam ir ao cinema de sexo explícito. Mas era minoria total.

Filme que bate recorde de bilheteria, habitualmente, é o que se chama de “filme para toda a família”. *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, que tinha tempero sexual e mobilizou 10 milhões e 800 mil espectadores (foi superado pelo *Tropa de Elite 2*, que passou dos 11 milhões), era ligh. Sonia Braga,



Foto: Diogo Gomes dos Santos



Maria do Rosário na coordenação da mesa no Festival de Paulínia em 2011

sua protagonista, é a rainha das bilheterias do Brasil. (*Dama do Lotação*, de Neville de Almeida, vendeu quase 7 milhões de ingressos, *Eu Te Amo*, de Jabor, 4 milhões). *Dona Flor* era uma adaptação de obra de Jorge Amado, um dos maiores ícones da literatura brasileira, um dos maiores vendedores de livros do Brasil. O filme tinha José Wilker, Mauro Mendonça e outros astros televisivos no elenco, música de Chico Buarque. Era um filme pra toda a família. Eu o assisti no Cine Atlântida, a maior sala de Brasília (quase dois mil lugares). A sala estava abarrotada. Na plateia havia homens, mulheres e jovens. Para um filme render bilheteria excepcional ele tem de atingir toda a família. Ou seja, tem de ser um “filme família” em moldes semelhantes ao conceito da Disney, um conceito mais fechado de “cinema para todas as idades”. *2 Filhos de Francisco* é um “filme família”. Foi visto por crianças, adolescentes, velhos e adultos, todo mundo. Por isso chegou a quase 6 milhões de espectadores. A pornochanchada (e sexo explícito) *Aluga-se Moças* foi um sucesso estrondoso, pois mesxmo não sendo um “filme família”, ainda assim ele vendeu mais de 3 milhões de ingressos. Há mais um detalhe, que eu discutia muito com Carlão Reichenbach. Ele me contava que havia filme dele que vendia mais de 4 milhões de ingressos. Mas como era isso? Existia o ingresso padronizado da Embrafilme e do Concine

– Conselho Nacional de Cinema. Esses ingressos eram somados, computados, tabelados.

O Carlão me explicava: os distribuidores da Boca do Lixo faziam o circuito oficial do ingresso padronizado e depois vendiam o filme a preço fixo para pequenos cinemas do interior do Brasil. Daí, como o cara comprou a preço fixo, o que ele ganhasse com ingresso era dele. O que ele vendia por baixo do pano, sem ser pelo ingresso padronizado, era dele. Esse tipo de cálculo não pode entrar nas tabelas do gestor governamental. Este não podia computar de outra forma, não dava pra colocar uma pessoa na porta de cada salinha do interiorzão contando ingressos de filmes vendidos a preço fixo. Temos de acreditar nos dados da Embrafilme, do Concine e do Sindicato dos Exibidores. São dados oficiais. Trabalho com dados e estatísticas oficiais. Os oficiosos não os tenho, mesmo porque quem vai me passar estes dados? Então *Coisas Eróticas* tem, oficialmente, quase 5 milhões de ingressos, se o produtor diz que são 7 milhões, por causa desses ingressos vendidos por baixo do pano, tudo bem, mas não tem como computar oficialmente. Os filmes do Carlão constam nas tabelas com 1 milhão e meio, 2 milhões de ingressos. Na hipótese de que ele tenha feito mais 1 ou 2 milhões na venda a preço fixo! Como computar?



CcBr – E hoje qual é o órgão que divulga esses dados? Você acha que tem manipulação?

MR – Hoje quem divulga esses dados é o Boletim Filme B. Se há manipulação? Pode até haver, mas eu não acredito. Acho que o Paulo Sérgio Almeida e equipe fazem um trabalho bom e útil. Voltando ao *Aluga-se Moças*. Não vi esse filme, embora a Gretchen estivesse no auge com aquela música do bumbum. Centenas, milhares de adolescentes cheios de hormônio e adultos do sexo masculino foram ver o filme por causa dela? O.k. Alguns dos meus alunos foram ver a Gretchen. Mas a maioria das adolescentes (as moças) que eram minhas alunas viam outro tipo de filme. A família (pai, mães, filhos) não ia ver esse tipo de filme. Daí minha dúvida de que este filme pudesse chegar a 11 milhões de espectadores, acho um exagero.

educação física. Adoraria que eles gostassem de cinema brasileiro como eu gosto. Eles vão ver filmes autorais brasileiros de vez em quando, mais para me agradar, não têm a paixão que eu tenho. Eles moram em Brasília, e eu, em São Paulo. Quiseram ficar lá com o meu primeiro marido (Helinho Lopes dos Santos), que foi meu grande amigo. Mas Jorge e Guto viram *Cidade de Deus* e adoraram.

Vicenciei dois casamentos. O primeiro, com Helinho, meu colega na UnB. Ele era engenheiro agrônomo, e morreu recentemente, o que me causou profunda dor. Fomos amigos a vida toda, separados, mas amigos. Nesse caso, sou uma Dona Flor com dois grandes maridos, “em tempos conjugais diferentes, claro!”, porque tanto o Helinho quanto o Zanin (Luiz Fernando Zanin Oricchio), que é meu marido há

Foto: Diogo Gomes dos Santos



Maria do Rosário ao lado da diretora do Festival de Paulínia, em 2011

CcBr – Fora esta mulher engajada, uma espécie de enciclopédia cinematográfica que tem acesso a todas as estruturas do cinema brasileiro, quem é você, dentro de casa, você sabe fritar um ovo?

MR – Nunca gostei de cozinhar. Venho de uma família de oito filhos, sete mulheres e um homem, sou a caçula. Não sou prendada, não sei dançar, nem cozinhar... fui uma mãe razoável de dois filhos: um, Jorge Artur, tem 31 anos e é professor de história. O outro, Guto, de 24 anos, é formado em

quase 20 anos, são duas pessoas maravilhosas. Tive essa sorte de ter dois ótimos casamentos. Como mãe, tenho muitos defeitos, porque sou muito estressada, uma pessoa que quer segurar o mundo com as mãos, fazer mil coisas ao mesmo tempo, fico estressada comigo porque não paro, não acalmo. Já como pessoa, tenho algumas qualidades, mas eu precisava ter mais paciência, mais calma, ver menos coisas. O Zanin fala que eu sou mais quantitativa que qualitativa, ele tem parte de razão, às vezes você



tem de saber que o mundo é muito grande e que ninguém dá conta de abarcá-lo. Eu quero abraçar o mundo! Tenho este desejo insano!

Minha formação é totalmente de esquerda, sou forjada na militância política nos sindicatos, na proximidade com partidos de origem marxista, acredito que as pessoas devem lutar por um mundo melhor. Têm de fazer alguma coisa para mudar aquilo de que discordam. Costumo conversar sobre isso com meu filho mais velho, que é professor de história e dá aula numa cidade-satélite, em Brasília (Recanto das Emas, construída na fase do governador Joaquim Roriz, que distribuiu terra para muita gente, mas sem a devida infraestrutura). Brasília cresceu demais. Fui professora na Ceilândia, outra cidade-satélite, fruto de uma Campanha de Erradicação de Invasões (CEI + lândia), quando a cidade tinha quatro ou cinco anos e era tida como território da violência. É de lá a expressão “faroeste caboclo”, nome de música do Renato Russo. Nunca vi lá um único corpo estendido no chão. E olha que eu dava aula à noite. Minha paixão por Brasília é imensa.

Assim como amo Brasília, gosto muito de São Paulo, adoro o Nordeste, o Norte, o Sul. Gosto imensamente do Brasil, maior paixão da minha vida. Tenho empenho assumido de conhecer todos os Brasis, acredito na descentralização cultural, que a gente tem de sair do litoral, do eixo Rio-São Paulo. Se deixar acabo falando mais do Brasil do que de mim mesma.



Foto: Arquivo particular de Maria do Rosário Caetano

Maria do Rosário, aos 13 anos

Foto: Arquivo particular de Maria do Rosário Caetano

Maria do Rosário no Rio de Janeiro, depois de ver *Aurora da Minha Vida*, peça de Naum Alves de Souza, anos 70/80

CcBr – Olhando daqui, do lado de cá, você é uma pessoa feliz com o que faz!

MR – É verdade, eu amo o que faço. E entre o que eu faço está um almanaque digital. Tenho uma bursite no braço direito. Desde os 8 anos (até hoje) minha vida é escrever. Fiz curso normal e científico, ao mesmo tempo, fiz dois cursos na UnB (jornalismo, depois, letras). Fui professora e virei jornalista porque adorava escrever. Eu anoto e escrevo muito rápido, fiz centenas de reportagens, trabalhei no *Correio Brasiliense*, no *Jornal de Brasília*, colaborei com o *Estado*. Atualmente colaboro com a *Revista de Cinema* e com o *Brasil de Fato*, um jornal apoiado por movimentos sociais organizados.

O Zanin diz que eu tenho três paixões e só falo de três coisas: política, cinema e jornalismo. Ele diz que quando sento numa roda com os amigos, se todos estiverem falando de jornalismo (ou de política ou de cinema), eu me sinto no paraíso; mas se girar o botão e mudar de assunto ih ih ih... Zanin ama futebol. Consigo participar de uma conversa sobre futebol, por uns 20 minutos. Gosto de futebol,

interesse-me por essa paixão nacional. Mas passou deste tempo (10 minutos) eu já quero voltar a falar de cinema, de jornalismo, de política. Torço pelo Santos e pelo Atlético Mineiro. Na Bahia, sou Vitória, no Ceará, sou Fortaleza, no Pará, sou Paissandu, no Rio Grande do Sul, sou Internacional. O Zanin é santista roxo, pelezista, “peixe praiano” até a medula. Ele me diz que não se pode torcer por tantos times, tem de amar um só. Eu sou mineira, da geração do Reinaldo (Reinaldo, grande goleador, jogou na seleção), quando o Mineirão

Tem lugar de sobra. O Ugo Giorgetti, o Zanin, o Zé Roberto Torero, se deixar eles falam de futebol por sete ou oito horas seguidas. Eu não aguento. Oito horas eu aguento falando (e ouvindo) sobre cinema, política e jornalismo... é um hábito, sou fissurada em jornal de papel, revista, leio tudo com a caneta na mão, riscando, e tenho mania de fazer xerox, recortar e encher envelope e mandar para os amigos. Eu sou “gutenberguiana”, porque ainda sou da geração papel. O Zanin fala que sou da celulose e do celulóide, ele me define como “a missionária da celulose e do celulóide”. Convenhamos, é uma definição perfeita.

Foto: Arquivo particular de Maria do Rosário Caetano



Com Cosme Alves Netto e Francisco Cesar Filho, em Curitiba (1991-1992)

foi inaugurado, ele estava no auge, para a glória do Atlético Mineiro, que amo de paixão. O Santos é o time da minha infância, sempre foi, porque o Pelé é mineiro, nasceu em Três Corações, o Pelé nasceu no mesmo dia e mesmo ano que minha irmã mais velha, Helena, dia 23 de outubro de 1940. Eles fizeram 70 anos recentemente. Pelé era um mito na minha casa, em Minas. No Brasil inteiro, no mundo. Nos anos 60, deu-se o auge do Santos da minha infância, então, sempre fui santista. Depois veio o Atlético Mineiro com aquela força, eu morava em Minas, veio o Reinaldo e a paixão pelo Galo. Nos tempos do Garrincha, eu gostava do Botafogo, e tive um namorado botafoguense. Então, como vocês podem ver, meu coração boleiro é coração de mãe.

CcBr – Você vem falando de música. Música é paixão ou namoro?

MR – É paixão, amo MPB desde a infância. Pixinguinha, Noel, Tom Jobim, Gonzagão, Chico Buarque, Gil, Caetano, Edu Lobo, Milton, Geraldinho Azevedo, Alceu Valença, Geraldo Vandré.. Amo Baden Powell! Tenho uma bela discoteca. As cantoras: Elis Regina, a maior cantora da história do Brasil, Nana Caymmi, são tantas...

Recentemente descobri Mateus Aleluia. Ele me foi apresentado pelo cinema. Estava na Jornada da Bahia e passou o filme *O Milagre do Candeal* (Fernando Trueba/Espanha/2004), e vi aquele negro maravilhoso, com aquela voz que lembra a do Milton Nascimento de *Sentinela*, aquelas coisas de Minas

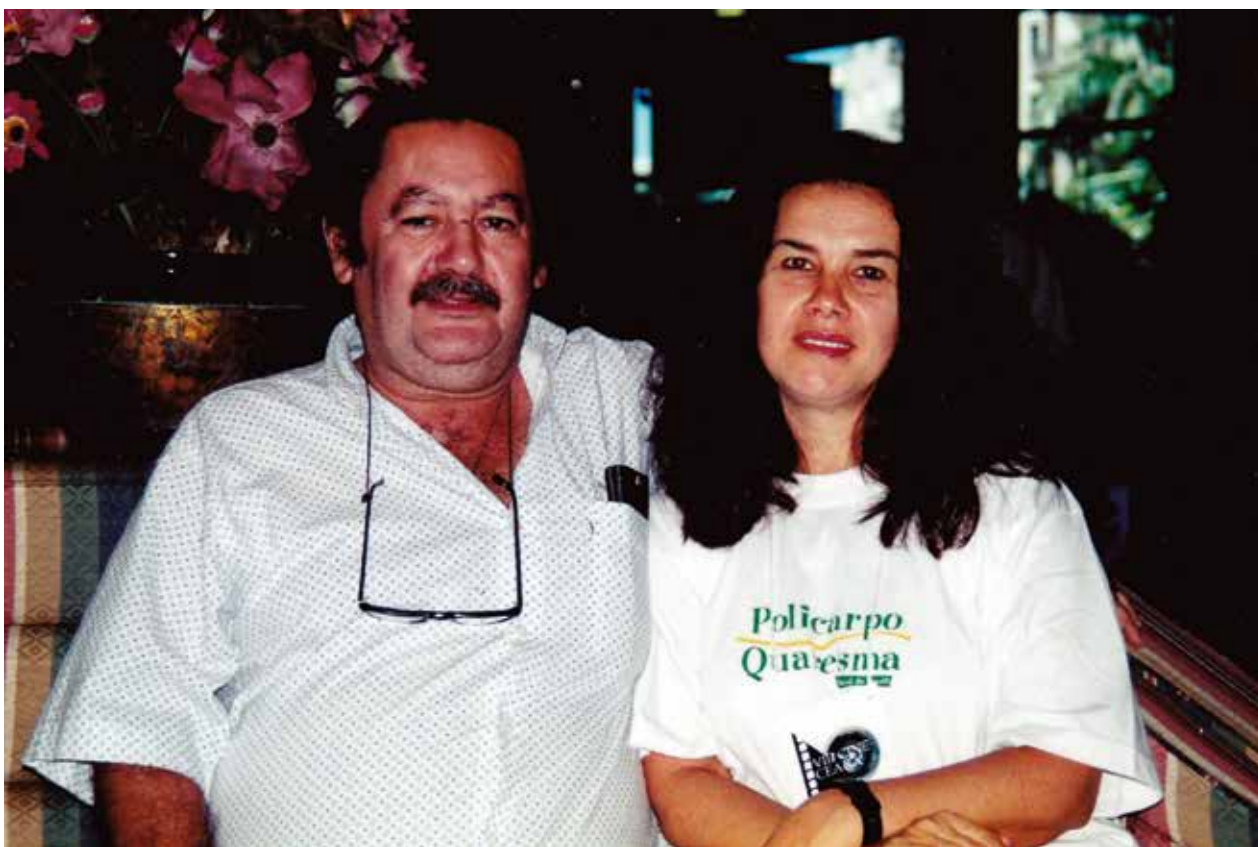


Foto: Arquivo particular de Maria do Rosário Caetano

Com o montador Severino Dada, no Cine Ceará - 1998

Gerais, dos cantos religiosos, com um acento afro. Fiquei fascinada por aquele personagem, que é de São Felix/Cachoeira na Bahia. Depois, fui descobrir que ele esteve na trilha sonora da novela *Escrava Isaura*, da TV Globo. Já tinha ouvido, mas não sabia quem era. Tive a sorte de conhecê-lo pessoalmente por um desses acasos da vida, numa porta de cinema aqui em São Paulo. Já ouvi o disco dele várias vezes, esse novíssimo, *Cinco Sentidos*, é deslumbrante, inclusive tem a música *Cordeiro de Nana*, que o João Gilberto gravou, no disco *Brasil*. Ah! sou louca por João Gilberto também. Tem ainda João Bosco e Aldir Blanc! Sou apaixonada por eles. Acho que nós temos uma música popular maravilhosa, Gosto da música do Brasil inteiro, não tenho esse negócio de me fixar só numa coisa. Gosto de conhecer coisa nova, viajar, Elomar (Elomar Figueira de Melo), conheci Elomar, Xangai (José Avelino). Amo os dois. O Fábio Paes da Bahia... Ah, adoro sair conhecendo as feiras, o artesanato. Eu sou quase uma "Polícarpa Quaresma", sem xenofobia, claro, porque amo também o cinema francês, o russo, o italiano, o asiático (ah, os japoneses!), o grande cinema norte-americano, mas acho o Brasil de fato um país deslumbrante, fascinante, desafiador...

CcBr – Como você tem visto o Movimento Cineclubista Brasileiro atualmente? No passado você cobriu duas Jornadas de Cineclubes, não?

MR – Eu cobri uma em Brasília (20ª Jornada Nacional de Cineclubes, 1986), grandona, no Centro de Convenções, e a de Ouro Preto (19ª). Foram duas jornadas maravilhosas, enormes. O Movimento Cineclubista de hoje... venho acompanhando esse renascimento, essa euforia, essa capilaridade possibilitada pelos meios digitais. Tornou-se bem mais fácil que o do meu tempo.



Com Gabriel Figueiroa, mulher e filho na Mostra de São Paulo - 1995

Fui cineclubista (Cineclubes Gavião, no Cruzeiro-DF), e a barra era pesada. Projetores em 16 mm, cópias gastas, pouco dinheiro. Hoje, é mais fácil



Com os cineclubistas Vladimir Dina, Baiano, Joseane Alfer, Diogo Gomes dos Santos, Lu Cachoeira, Lionel Lucine na Jornada de Rearticulação do Movimento Cineclubista Brasileiro, em Brasília - 2003

montar uma salinha de projeção. Acabaram aquelas dificuldades de cópias 16mm, com projetor dando problema e trabalho. Acho que o MinC (Ministério da Cultura) tem dado um apoio bom, assim como a Programadora Brasil, que tem ajudado os cineclubes. Não sei se a situação atual (Ana de Hollanda) é tão promissora quanto na gestão de Gilberto Gil. Li o livro *Pontos de Cultura* (O Brasil de Baixo pra Cima), de Célio Turino, e fiquei fascinada com ele, vi que os pontos de culturas são grandes aliados do movimento cineclubista. Talvez eu esteja desinformada, pois não tenho participado das jornadas contemporâneas.

Mas o que tenho percebido, como jornalista, é uma efervescência muito grande, gente jovem interessada, principalmente fora do eixo Rio-São Paulo. Chego em Aracaju e as pessoas falam dos cineclubes, em João Pessoa ou em Campina Grande, idem. Vou muito a festivais, ando muito e vejo que as pessoas estão mobilizadas em cineclube.



Na casa de Domingos Oliveira e Priscilia Rozembaum, com Zanin, no Rio de Janeiro - 2011

Eu percebo, posso estar enganada, que muitos cineclubes são Pontos de Cultura, então, contam com um pequeno apoio do MinC. Com esse apoio, mesmo que pequeno, monta-se o equipamento e faz-se possível para acessar boa parte da produção brasileira. Tenho percebido que tem havido muita troca de filme, graças à internet. Os cineclubistas de hoje são cinéfilos dotados de facilidades que a nossa geração desconhecia. A minha visão de cineclubismo é essa, há os cineclubes sofisticados e os mais simples e militantes. Vai ser sempre assim: havia o "Chaplin Club", que discutia linguagem pura, a sofisticação e a evolução estética do cinema. Esse tipo de cineclube continua existindo ainda hoje. Mas creio que os cineclubes mais numerosos são os que continuam atuando, com grande força, social, política e cultural, em municípios pequenos. Em cidadezinhas que não têm centros culturais,



Maria do Rosário em sua formatura, na Unb, em 1976

cinemas ou teatros. Posso estar enganada, podem me corrigir, mas creio que quem está revitalizando o movimento cineclubista, hoje, são os Pontos de Cultura. Eles são a grande força revolucionária da gestão Gil/Juca/Orlando Senna.

CcBr – Qual é a sua opinião – você que acompanha tanto os festivais –, o que um festival deixa de representativo para as cidades?

Foto: Arquivo particular de Maria do Rosário Caetano



Com Dona Heloisa Ramos

MR – O Brasil é um país continental, tem 220 festivais e mostras. Festivais com orçamentos grandes, tem uns 30. Acho que o festival tem de estar sedimentado na sua comunidade. Primeiro a comunidade tem de participar e se interessar, promover oficinas, debater os filmes, refletir sobre eles. Se tem público, se promove debates, se forma plateia, eu acho que o festival está cumprindo o seu papel. O que está errado, do meu ponto de vista, é que há uma concentração imensa no eixo Rio-São Paulo, cada um deve ter de 30 a 40 festivais e mostras, enquanto outras regiões não têm nada. Alagoas, por exemplo, não tem sequer

nenhum festival, Amapá, Rondônia, Roraima fizeram seus pequenos festivais, mas com muitas dificuldades e poucos recursos. A concentração de recursos no eixo Rio-São Paulo é espantosa. O fato de o Brasil ser grande demais é um desafio. A Espanha, infinitamente menor, tem quase 300 festivais. A França tem mais de 100 festivais. O problema é que eles estão mal distribuídos pelo território brasileiro.

Os festivais do Rio e de São Paulo custam 4, 5 ou 6 milhões e os festivais de Aracaju, Vitória da Conquista, de Roraima são feitos com 300, 400 ou 500 mil, quando muito. Uma passagem aérea pra levar um convidado até os estados do Norte, por exemplo, é muito cara. Tem de haver uma discussão profunda. As regiões mais precárias precisam de formação de plateia, precisam ter acesso ao cinema do mundo e do Brasil, ver filmes brasileiros que não entram no Cinemark, isto tem de ser repensado. A política do Estado está concentrada, vulnerável, está sujeita a pressões.

CcBr – Não dá para o Estado nem a Petrobras fazerem isso, quem tem de fazer é a classe, o segmento em que você está trabalhando, isso é um problema. O Brasil é litoral.

Foto: Arquivo particular de Maria do Rosário Caetano



No Centro Cineclubista de São Paulo, em 2011



Foto: Arquivo particular de Maria do Rosário Caetano

MR – Diogo, o Brasil tem quase 6 mil municípios, destes só 6% têm cinema. O desafio é esse. Nesse contexto, o cineclubes tem um papel fundamental. O país tem de implantar esses dois projetos: “Cinema perto de você” e “Cinema na cidade” – em municípios de 20 mil a 100 mil habitantes e nas grandes periferias urbanas. No Brasil, os empresários precisam ser mais responsáveis e investir em cultura.

Tem de ter capital de risco! Só que eles não querem arriscar nada. A promoção cultural, no Brasil, continua dependendo profundamente do Estado. Por que o Estado tem que dar tudo?!

CcB – Mas, nesse caso, o Estado tem de fomentar, criar projetos nessas cidades...

MR – Disso eu também sou a favor. Criar centros culturais, cinemas, teatros em parceria com os municípios...

CcB – Isso é coisa para um programa de gestão.

MR – Estimular gestões metade prefeitura/metade sociedade civil, através dos grupos culturais organizados, aí dá certo.

CcB – Sua palavra final.

MR – Não podemos entregar os pontos. Temos de continuar nos reunindo, nos agrupando, debatendo criticamente as políticas públicas. Ver cinema e discutir o filme coletivamente é um prazer único. Por isso, creio que os cineclubes não acabarão nunca. Eles podem se transferir para dentro de nossas casas, em torno de um aparelho de TV. Se nos reunimos para rever (e discutir, coletivamente) *Encouraçado Potemkin*, *Cidadão Kane*, *Aurora*, *Viridiana*, *Memórias do Subdesenvolvimento*, *Terra em Transe* ou *Iracema*, isso é sinal de que seguimos seres gregários. E cinéfilos.



Luiz Zanin Oricchio, Maria do Rosário Caetano e Wolney Oliveira



Diogo Gomes dos Santos é cineclubista, cineasta e historiador

Aonde foi parar a criatividade?

Joseane Alfer



Foto: Andréa Martins Kneif

Ilustradora Ana Rita da Costa em processo de criação

O que está acontecendo com o ser humano do século XXI? Num mundo de globalização, com acesso à informação e aos mais variados domínios técnicos, o que aconteceu com a criatividade? O homem está passando por uma crise de autoria? O original versus a reprodução interfere no ato de criação?

O cinema, uma arte sempre em evidência, que começou sem som e sem cor, hoje domina as mais diversas técnicas e vive o momento dos efeitos especiais. Walter Benjamin já afirmava que a arte sempre foi reprodutível, podendo ser imitada. Os discípulos tinham essa prática com relação aos mestres, mas somente após o evento da xilografia o desenho tornou-se, pela primeira vez, tecnicamente reprodutível, enfim a mão foi liberada das responsabilidades artísticas mais importantes, que passaram unicamente ao olho. Este pensador também lembra que o importante a se ressaltar na arte é o aqui e o agora do original da obra, que constitui o conteúdo da sua autenticidade e nela se enraíza uma tradição que identifica esse objeto.

Não se pode esquecer que, com a reprodutividade da obra de arte, o que antes era apenas privilégio de alguns passou a ser direito das massas, e

hoje, mais do que em qualquer outro momento da história da humanidade, a população de um modo geral tem contato direto com a arte. Esse fenômeno é apresentado com maestria pela sétima arte, o cinema, arte na qual a reprodução é natural e necessária, sedimentando a ideia da criação não a partir do original como único objeto de arte, mas toda sua reprodução. Esse advento dentro do mundo das artes não anula o conceito de unicidade da obra de arte, a reprodução e a distribuição aos quatro cantos do mundo não a diminui, tampouco coloca em dúvida o processo de criação.

Vale lembrar que o cinema é uma obra coletiva. Desde a ideia, o roteiro, a captação de imagem até a montagem, esse produto passa por inúmeras mãos, técnicos e diversos olhares, o que o diferencia muito das demais artes, que, em tese, são de um único autor. Assim é, por exemplo, sua precursora, a fotografia, que sempre foi criação de um indivíduo, tal qual a pintura, a literatura, a poesia, entre todas as demais.

** Walter Benjamin, natural de Berlim, foi um ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo judeu alemão. O seu trabalho, combinando ideias aparentemente antagônicas do idealismo alemão, do materialismo dialético e do misticismo judaico, constitui um contributo original para a teoria estética.*

O cinema criado no final do século XIX chega ao século XXI com tamanha propriedade, que parece incontestável seu valor artístico e social, e recebe o status de sétima arte.

Hoje, apesar dessas afirmações, a arte mostra indícios de que a criatividade parece estar em crise – apesar de pouco explorada, como dizia Eisenstein –, no momento em que ela está mais acessível, que os equipamentos estão mais populares, em que até amadores podem criar e fazer seus próprios filmes (obras artísticas), deparamos com um número enorme de refilmagens e adaptações. A indústria do cinema norte-americano, notoriamente conhecida no mundo inteiro como a maior produtora de filmes, com um dos maiores PIB do país, tem nos últimos tempos optado por não criar novas histórias, mas contá-las novamente ou sob outro prisma, quando não optam por refazer obras de outros países, ambientadas nos Estados Unidos, com atores americanos, chegando a exportar a fórmula de reprodução, uma espécie de franquia.

Foto: Arquivo



Cena do filme *Simplemente Martha*, 2001

Pode-se constatar esse fenômeno com os filmes *Sem Reservas*, uma produção de Hollywood, de 2007, dirigida por Scott Hicks – com Catherine Zeta Jones e Aaron Eckhart, grandes nomes do cinema norte-americano –, que, além de ser ambientado nos Estados Unidos, é uma adaptação do filme alemão *Simplemente Martha*, de 2001, da diretora Sandra Nettelbeck, que conta a história de Martha Klein, a obstinada e perfeccionista *chef de cuisine* de um refinado restaurante de Hamburgo.

Foto: Arquivo



Cena do filme *Sem Reservas*, 2007

Foto: Arquivo

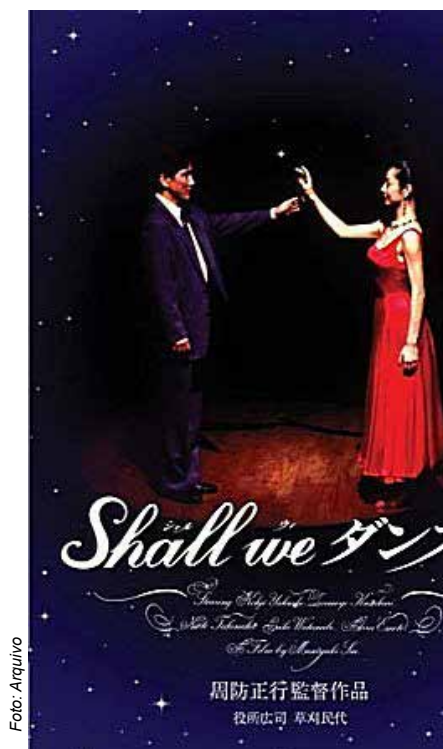


Cartaz do filme *Nove Rainhas*, 2000, e cena do filme *Criminal*, 2004

O mesmo acontece com o filme argentino *Nove Rainhas*, de 2000, de Fabián Bielinsky, protagonizado por Gastón Pauls e Ricardo Darín. A indicação para 28 prêmios, dos quais ganhou 21, mostra a grandiosidade da obra, que conta a história de dois golpistas, Marcos e Juan, que se conhecem aparentemente por acaso e imprevistamente se veem envolvidos em um negócio de meio milhão de dólares. Seu roteiro também foi adaptado, nos EUA, em 2004, e dirigido por Gregory Jacobs, com o título *Criminal*, e estrelado por John C. Reilly, Diego Luna e Maggie Gyllenhaal.

O filme japonês *Dança comigo?*, dirigido por Masayuki Suo, de 1997, conta a história de Shohei Sugiyama (Kôji Yakusho), típico homem de negócios que durante o trajeto do trabalho para casa vê a bela professora Mai Kishikawa (Tamiyo Kusakari), através da janela de uma escola de dança. Atraído por ela, Shohei se matricula na escola. Dançar para um homem sério é visto, no Japão, como uma atividade fútil, razão pela qual Shohei mantém segredo disso.

Revista CineclubesBrasil



Cartaz do filme *Dança Comigo?*, dirigido por Masayuki Suo, de 1997, e cartaz do filme *Dança Comigo?*, produção dos EUA

Foto: Arquivo

Também esse filme foi refeito nos EUA, em 2004, com o mesmo título *Dança Comigo?*. Sob a direção de Peter Chelsom, é protagonizado por Richard Gere e Jenifer Lopes, que, infelizmente, não tem o perfil da bailarina que o personagem pede. Assim como no filme japonês, o advogado John Clark também vê, na janela de uma academia, a bela professora de dança Paulina, se matricula na academia e também esconde dos amigos e da família que está estudando dança. O que é intrigante e causa certa estranheza nesse filme é a atitude do personagem, pois, para os americanos, dançar é atividade vista como natural, ao contrário do que ocorre na realidade japonesa.

Foto: Arquivo

Anthony Perkins e Janet Leigh no filme *Psicose*, de Hitchcock, 1960

Outra realidade a nos chamar a atenção é a dos filmes que foram sucesso de bilheteria, de público e de crítica e que estão sendo refeitos com direção, atores e ambientes diferentes e que nem sempre, ou na maioria dos casos, conseguem ter igual aura, força, impacto, pra não dizer “arte” da obra original, ou primeira edição. É o caso de *Psicose*, filme norte-americano de 1960, de suspense e terror, dirigido por Alfred Hitchcock, que trata da história de Norman, um filho apaixonado pela mãe tirana, retrato do que seria o complexo de Édipo mal resolvido, o que o torna um assassino que assume a personalidade da mãe falecida.

Foto: Arquivo

Anthony Perkins no filme *Psicose*, de Hitchcock, 1960

Há afirmações de que Hitchcock comprou anonimamente os direitos do livro de Robert Bloch, que deu origem ao roteiro do filme e, depois, também todas as cópias disponíveis no mercado, para que ninguém o lesse e, conseqüentemente, soubesse o final da história.



Foto: Arquivo

Vince Vaughn no filme *Psicose*, de Hitchcock, 1998

A refilmagem de *Psicose* é obra do diretor Gus Van Sant, que decidiu fazer uma versão moderna, na qual Vince Vaughn é o novo Norman Bates. Vem acompanhado de muito sexo, violência e sangue, indicando o desejo de uma versão nos moldes dos filmes atuais de ação, mas que nem de longe tem a maestria do mestre do suspense.



Foto: Arquivo

Cena do filme *Conan, o Bárbaro*, de 1982, com Arnold Schwarzenegger, 1982

Outro exemplo é o filme *Conan, o Bárbaro*, de 1982, uma obra norte-americana protagonizada pelo ator Arnold Schwarzenegger, baseada no personagem-título, criado por Robert E. Howard. Após o assassinato do pai e de sua aldeia ser destruída, Conan entra num mundo impiedoso, no qual sobrevive como ladrão, pirata e guerreiro, perseguindo o responsável pela destruição de seu povo. A nova adaptação, de 2011, tem a direção de Marcus Nispel e conta com Jason Momoa no papel principal, mas não tem a força nem o encanto do filme de 1982.



Cena das duas versões de *Carrie, a Estranha*.
À esquerda, Angela Bettis; à direita, Sissi Spencer

Finalmente *Carrie, a Estranha*, com a brilhante direção de Brian De Palma, de 1976 – baseado no romance homônimo de Stephen King –, drama, suspense, terror e grande atuação de Sissi Spencer, que brilhantemente impactou o público. Carrie White, uma garota solitária e reprimida pela mãe fanática religiosa, vítima de bullying, é o alvo das chacotas na escola. Com o passar do tempo, ela descobre que possui poderes paranormais, o que fará sua vida mudar.

Já na refilmagem, também produção norte-americana de 2002, com direção de David Carson, protagonizada por Angela Bettis, além de não existir a dramatização do filme original, a direção opta por mudar o final da obra numa tentativa de inovação e de resolver para o público o futuro da personagem, mas esta perde a força, talvez por inicialmente ter sido a obra planejada como piloto de uma série de TV. Foi abandonada a idéia da série, devido à baixa audiência.

O cinema brasileiro não escapa dessa análise. Inicialmente, utilizava-se a câmera parada, afinal era enorme e pesada, não tinha o som direto, o que resultava em fala, diálogos e cor inverossímeis. Hoje, com o domínio técnico e nenhum problema quanto à originalidade da obra e sua devida reprodução também surge uma crise de criação. Fenômeno semelhante pode ter ocorrido com relação à música, no Brasil. Durante o período da ditadura militar, devido à repressão, os artistas eram obrigados a descobrir estratégias, fórmulas e métodos para contornar a censura na criação de novas obras. Assim, conseguiam passar determinadas mensagens. Após esse período, muitos não conseguiram mais ter um trabalho de peso e criativo.

Por tudo isso, vale o questionamento sobre a crise da criatividade e se a facilidade técnica e de informação faz do homem um ser menos criativo. Vale lembrar que esses exemplos não são regras, mas têm crescido de forma vertiginosa. Será que a famosa globalização, que a todos parece atingir, está deixando o homem do século XXI sem assunto, sem histórias pra contar, sem criatividade? Essa pergunta ainda não tem uma resposta, mas ela já se apresenta.



Joseane Alfer é designer, diretora de arte e bailarina



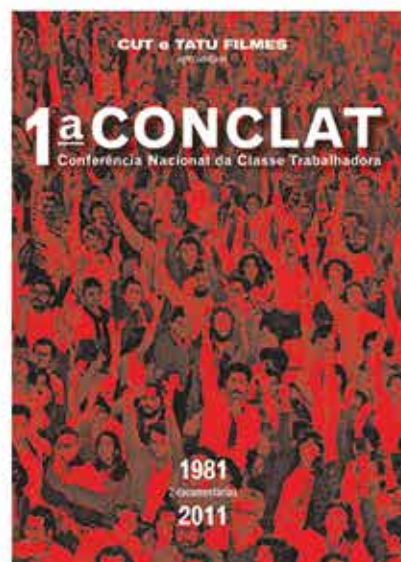
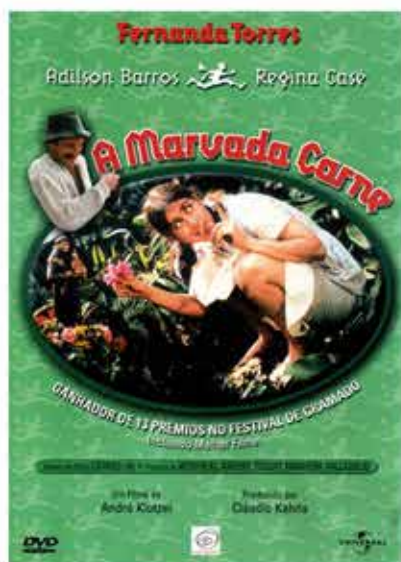
Na **Piazza Otica** você encontra armações nacionais e importadas, inclusive de grifes conhecidas internacionalmente. Temos ainda lentes multifocais, bifocais, visão simples também com tratamentos antirreflexos e fotossensíveis (Transitions). Oferecemos lentes de contato descartáveis importadas americanas com grau e coloridas a preços imbatíveis.



Rua Teodoro Sampaio, 2550 - loja 19 -
Pinheiros

Fone: **3804-6898**

piazzaotica@gmail.com
www.piazzaotica.com.br



Há mais de 30 anos,
a **TATU FILMES**
transforma em
CINEMA episódios
da HISTÓRIA do
BRASIL e de alguns
de seus principais
personagens.
Os **CINECLUBES**
fazem parte dessa trajetória!

